



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Em Busca de uma Caracterização para o Objeto Nulo no Português
Brasileiro**

Mirna Sodré Valverde-Hübner

Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente

Brasília, 2012



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Em Busca de uma Caracterização para o Objeto Nulo no Português
Brasileiro**

Mirna Sodré Valverde-Hübner

Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE em Linguística.

Brasília, 2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente – UnB
Orientadora

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho – UniCEUB
Membro Externo

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves – UnB
Membro Interno

Profa. Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati – UnB
Suplente

Para Jônatas, Carlos, Marguita e Matheus

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me capacita e fortalece na realização das minhas atividades.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, incentivo, preocupação, disponibilidade e sustento sempre que necessário. Esta dissertação é pra vocês.

Ao meu esposo, Jônatas, pelo amor, paciência, confiança, companheirismo. Essa conquista é nossa!

À orientadora deste trabalho, professora Dra. Helena da Silva Guerra Vicente, pela orientação dedicada, pela paciência, pela disponibilidade. Muito obrigada pelas sugestões, comentários, correções. Foi um prazer trabalhar com você!

Aos professores participantes da Banca Examinadora deste trabalho, professor doutor Marcus Vinicius da Silva Lunguinho e professoras doutoras Rozana Reigota Naves e Eloisa Nascimento Silva Pilati, muito obrigada por terem aceitado o convite. Nutro grande admiração por todos vocês.

Ao professor Dr. Andrew Nevins, por ser tão acessível e pelas preciosas sugestões de leituras, que acabaram definindo o norte deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, pelos ensinamentos preciosos e pelo pronto atendimento.

Enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada!

*Se as coisas são impossíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las!
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!*

Mário Quintana

RESUMO

Esta dissertação se propõe a analisar o objeto nulo (ON) no português brasileiro (PB), sobretudo quanto aos traços semânticos que o caracterizam. Duas questões recorrentes na literatura sobre o ON do PB serão enfocadas: i) o papel do traço de animacidade nessa caracterização e ii) a relação dessa construção com a de elipse de VP, dados os desafios de se definir as fronteiras entre os dois fenômenos tendo como base a literatura disponível.

Seguindo Goldberg (2005), que apresenta um diagnóstico para a elipse de VP nas línguas naturais e meios de diferenciá-la de uma análise em termos de argumentos nulos, como o ON, utilizando, inclusive, traços semânticos para tanto, será apresentada uma análise para o PB, com a conclusão de que o traço de animacidade, embora relevante na caracterização do ON, aparece juntamente com outros traços, como o de especificidade, já previsto na literatura, e o de imperfectividade, dispostos em uma hierarquia. Essa análise, por sua vez, viabilizará a apresentação de uma distinção entre o ON e a elipse de VP nessa língua.

A partir da comparação do PB com as línguas analisadas por Goldberg, também esboçaremos qual seria o lugar do PB entre as línguas quanto às duas construções.

Palavras-chave: objeto nulo, elipse de VP, animacidade, Gramática Gerativa.

ABSTRACT

This dissertation intends to analyze the null object's (NO) properties in Brazilian Portuguese (BP), especially with regard to semantic features that characterize it. Two recurring issues in the literature on the BP will be focused on: i) the role of animacy in this characterization and ii) the NO's relation with VP ellipsis, given the challenges of defining the boundaries between the two phenomena based on the available literature.

Based on Goldberg (2005), which presents a VP ellipsis diagnosis in natural languages and ways to distinguish it from an analysis based on null arguments, as NO, using semantic features, an analysis will be presented to the BP, with the conclusion that the feature of animacy, although relevant in the characterization of NO, is acting along with other features, as the specificity, which has been provided in the literature, and the feature of imperfective aspect, arranged in a hierarchy. This analysis, in turn, will enable the presentation of a distinction between the NO and VP ellipsis in this language.

From the comparison of BP with the languages analyzed by Goldberg, we also outline what would be the place of the BP among the natural languages concerning the two phenomena.

Key-words: null object, VP ellipsis, animacy, Generative Grammar.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
SUMÁRIO.....	9
CAPÍTULO 1	11
INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Apresentação do Problema	11
1.2 Objetivos.....	15
1.3 Metodologia.....	16
1.4 Organização da Dissertação.....	16
CAPÍTULO 2	18
PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA GERATIVA	18
2.1 Introdução.....	18
2.2 A Faculdade da Linguagem	18
2.3 A Evolução do Modelo.....	22
2.3.1 Syntatic Structures (1957)	22
2.3.2 A Teoria Padrão.....	24
2.3.3 A Teoria Padrão Estendida	26
2.3.4 A Teoria de Princípios e Parâmetros	27
2.3.5 O Programa Minimalista	29
2.4 Síntese do Capítulo.....	31
CAPÍTULO 3	32
A LITERATURA SOBRE O ON NO PB: O PAPEL DO TRAÇO DE ANIMACIDADE E AS SEMELHANÇAS COM A ELIPSE DE VP	32
3.1 Introdução.....	32
3.2 Revisão da Literatura.....	32
3.2.1 Trabalhos Variacionistas	32
3.2.2 Trabalhos Gerativistas	36
3.2.2.1 Wheeler (1981).....	36
3.2.2.2 Huang (1984).....	37
3.2.2.3 Raposo (1986).....	38
3.2.2.4 Farrell (1987).....	39
3.2.2.5 Galves (1989)	41
3.2.2.6 Huang (1991).....	41
3.2.2.7 Kato (1991).....	41
3.2.2.8 Cyrino (1997)	42
3.2.2.9 Cyrino, Duarte e Kato (2000)	46
3.2.2.10 Cyrino (2000)	47
3.2.2.11 Cyrino (2003)	47
3.3 Síntese do Capítulo.....	50

CAPÍTULO 4	51
OBJETO NULO X ELIPSE DE VP	51
4.1 Introdução	51
4.2 Elipse de VP x ON	51
4.2.1 Matos (1992)	51
4.2.2 Cyrino (2000b)	56
4.2.3 Cyrino e Matos (2002)	57
4.2.4 Cyrino (2006)	59
4.3 Síntese do Capítulo	63
CAPÍTULO 5	64
CONSTRUINDO UMA PROPOSTA PARA O PB	64
5.1 Introdução	64
5.2 Elipse de VP x Objeto Nulo – a posição do PB	64
5.2.1 O trabalho de Goldberg (2005)	64
5.2.2 A análise para o hebraico	70
5.2.2 A análise para o japonês e coreano	79
5.2.3 Uma análise para o PB	85
5.2.3.1 Alçamento do verbo a INFL	86
5.2.3.2 Possibilidade de Outros Argumentos Nulos	86
5.2.3.3 Restrições para o ON do PB e identificação da elipse de VP	92
5.3 Síntese do Capítulo	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Problema

A partir da década de 60, os argumentos nulos começaram a chamar a atenção dos pesquisadores. Após a postulação inicial de uma estrutura em que todos os elementos internos ao VP elidiam simultaneamente -- a elipse de VP (CHOMSKY, 1975)¹ --, foram identificadas línguas que permitiam o apagamento independente dos argumentos. Na década de 80, o sujeito foi identificado como podendo ser nulo em algumas línguas, o que gerou a postulação do Parâmetro do Sujeito Nulo, e logo se percebeu que também o objeto poderia ser nulo (WHEELER, 1981, HUANG, 1984, RAPOSO, 1986, FARREL, 1990; GALVES, 1989).

Em linhas gerais, o objeto nulo, doravante ON, pode ser descrito como uma posição de objeto foneticamente nula, mas com conteúdo sintático e semântico. Sintaticamente, o ON tem sido classificado como pronome nulo (cf. FARRELL, 1990 e GALVES, 1989), como variável (cf. RAPOSO, 1986), como clítico nulo (cf. KATO, 1993), epíteto nulo (cf. HUANG, 1991) e outros. O conteúdo semântico pode ser recuperado por meio de um antecedente exposto no discurso (1a), sendo o tipo mais restrito entre as línguas, no contexto pragmático (dêitico), como em (1b) e (1c) ou, ainda, por meio de uma leitura genérica do tipo “as pessoas” (2):

(1) a. – Comprou guaraná zero também?

– Comprei __, uai².

b. – Pega __ aqui, Maria.

c. – Push __!

(CYRINO, 1997, p.39)

¹Chomsky (1975) trata o fenômeno como o resultado de uma regra transformacional de apagamento que eliminava um elemento “dummy” sob condições de identidade.

² Exemplos sem referência ao longo do trabalho são fruto da intuição desta autora ou de sua coleta de dados.

- (2) a. La música relaja ___. (LANDA, 1991, *apud* CYRINO, 1997, p.45)
 b. Wild Guns est un jeu qui défoule ___. (CUMMINS & ROBERGE, 2004, p.3)
 c. Questo conduce __ alla seguente conclusione. (RIZZI, 1986, p.501)
 d. This leads __ to the following conclusion. (RIZZI, 1986, p.501)
 e. Esse remédio deixa __ tonto. (MAIA, 1990, *apud* CYRINO, 1997, p.45)

Todos esses tipos acima ocorrem no Português Brasileiro (PB). Entretanto, ocorrências como em (1a), ou seja, ON com antecedente definido e interpretação específica (ON anafórico), é que distinguem o português (brasileiro e europeu) das demais línguas românicas. No geral, o ON é mais frequente no PB, já que o Português Europeu (PE), como as demais românicas, costuma optar pelo clítico (cf. (3)):

(3) Espanhol: Tienes que lavar**lo** antes de poner**lo**!

Francês: Tu dois **le** laver avant de **le** mettre!

Italiano: Debi lavar**lo** prima di metter**lo** dentro!

Romeno: Trebuie sa-**l** speli înainte de a-**l** pune!

PE: Tu tens que lavá-**lo** antes de pô-**lo**!

PB: Cê tem que lavar __ antes de pôr __!

(CYRINO & REICH, 2002, p.10)

Esse exemplo em (3) ainda nos apresenta uma particularidade do PB: a possibilidade de ON dentro de ilhas sintáticas (cf. GALVES, 1989, KATO, 1993), o que o PE não permitiria (cf. RAPOSO, 1986). Assim, as sentenças abaixo, agramaticais no PE, são gramaticais no PB:

- (4) a. Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado __ no cofre da sala de jantar.
 b. O rapaz que trouxe __ agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.
 c. Que a IBM venda __ a particulares surpreende-me.
 d. O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado __ cuidadosamente no cofre.

e. Quando é que o Manuel vai oferecer ao Antonio ____ ?

(CYRINO, 1997, p.1)

O ON do PB também pode recuperar uma sentença (ON sentencial), como em (5), o que, segundo Duarte (1986, apud CYRINO, 2000) também seria uma exclusividade do PB. Semelhantemente ao ON anafórico, como veremos, o ON sentencial também seria identificado com o traço [-animado]:

(5) Fui eu que comprei o bolo, mas não pode espalhar ____.

Enfocaremos, neste trabalho, sobretudo, o ON anafórico (com antecedente definido e interpretação específica), especialmente quanto aos traços semânticos que o caracterizam³.

Nesse sentido, o ON do PB tem sido concebido desde os primeiros trabalhos, variacionistas e gerativistas, como ocorrendo em função de certos traços do antecedente, sobretudo os de animacidade e especificidade, como veremos. Contudo, defenderemos que o ON do PB não parece se restringir à presença desses traços, sugerindo que outros traços também parecem relevantes.

Esse ponto da animacidade como caracterizadora do ON (WHEELER, 1981; CYRINO, 1997; CYRINO, DUARTE & KATO, 2000; CREUS & MENUZZI, 2004), bem como as semelhanças entre o ON e a construção de elipse de VP que aparecem na literatura (CYRINO, 1997, 2006; KATO, 1991) são as duas questões norteadoras deste trabalho, aparecendo recorrentemente ao longo de todo o percurso gerativista sobre o ON no PB.

A primeira e mais citada delas dá conta de que o ON é eminentemente [-animado], como exemplifica (6a), sendo que o traço [+animado] do antecedente favoreceria o pronome lexical em detrimento do ON, como se vê em (6b) e (6c):

³ Em vez de falar em *licenciamento* do ON, estamos optando por falar em caracterização do fenômeno, reconhecendo que licenciamento diz respeito à identificação da categoria funcional que regeria a categoria vazia para licenciá-la, conforme o Princípio das Categorias Vazias (CHOMSKY, 1986). Embora assumamos a existência de núcleos funcionais licenciando o ON, pretendemos desenvolver a questão em trabalhos futuros. No presente trabalho, privilegiaremos os traços semânticos que caracterizariam o ON, uma vez que a literatura sobre o ON no PB se debruça sobre eles.

- (6) a. O Emílio perdeu *a carteira* e não consegue achar ___ em lugar nenhum.
b. *A Clara não quer que *o filho* veja TV, então ela sempre leva ___ no parquinho.
c. A Clara não quer que *o filho* veja TV, então ela sempre leva *ele* no parquinho.

(LOPES, 2006, p.164)

Entretanto, uma sentença como (7), fruto da intuição desta autora, em um primeiro momento, contrariaria essa postulação, mesmo em face dos seus desdobramentos, que propõem a combinação da animacidade com o traço de especificidade, estabelecendo que o ON não poderia ser [+animado, +específico] (CYRINO, 1997, 2000, 2006):

- (7) A mãe do Marquinhos sempre leva *ele no parquinho*, mas seu pai não costuma levar_ .

Na literatura, um objeto apagado com os traços [+animado, +específico], como na sentença acima, seria aceitável apenas em uma estrutura de elipse de VP (CYRINO, 2000b, 2006). Em linhas gerais, a elipse de VP ocorre quando há o apagamento não só do objeto direto, mas de todos os argumentos internos ao VP. É realmente o caso de (7), pois, além do objeto direto, também o locativo *no parquinho* é nulo na oração-alvo⁴, configurando a elipse de VP. Para que fique bem claro o contraste entre a elipse de VP e o ON, consideremos o exemplo (8):

- (8) A Maria escova *o cachorro antes de dormir* e a Joana escova ___ *assim que acorda*.

Nessa construção, em que o objeto direto também é [+animado, +específico], apenas o objeto direto é nulo, estando o adjunto manifesto na oração-alvo da elipse. A estrutura seria de ON, portanto, e indicaria que a combinação apenas desses dois traços, diferentemente do registrado na literatura, não bloquearia a construção de ON.

Como veremos, essa literatura também não estabelece claramente uma distinção entre elipse de VP e ON, não apresentando ferramentas para se distinguir uma construção da outra em estruturas em que o VP conta apenas com um elemento interno, o objeto direto, e este é apagado, que não deixam claro se foi apenas o objeto direto que elidiu,

⁴ Estou chamando de oração-alvo, ao longo do trabalho, a oração em que há a lacuna.

configurando o ON, ou se, sendo o único elemento interno ao VP, a queda do objeto direto configuraria a elipse de VP.

Julgamos relevante essa distinção, pois há línguas que a manifestam gramaticalmente, como no swahili, que, segundo a análise de Goldberg (2005) dispõe de um morfema de concordância com o objeto em construções de objeto nulo, ausente em construções de elipse de VP. Além disso, há línguas que manifestam apenas uma das duas construções, como o inglês, que só apresenta a elipse de VP e o japonês e coreano que, na análise da autora, só apresentam ON.

As diferenças entre as duas construções levantadas na literatura, que serão colocadas em momento oportuno, basicamente calcadas na necessidade de identidade entre os verbos na elipse de VP, sem tal obrigatoriedade para o ON, e na restrição de animacidade para o ON, sem essa restrição para a elipse, além de não desfazer a ambiguidade entre as duas construções suscitada no parágrafo anterior também não dão conta do exemplo (8) acima, em que, apesar da identidade verbal, temos ON com antecedente animado, e não elipse de VP.

Além do apagamento de argumentos, há várias semelhanças entre os dois fenômenos que também dificultam a distinção. A mais citada delas é a presença de ambiguidade de leituras estrita e imprecisa (*sloppy*), típica de construções de elipse, em construções com ON, como em (8). Nos aprofundaremos nessa questão mais adiante.

Diante desse quadro, buscaremos contribuir para a distinção dessas duas construções a partir da definição das características típicas do ON no PB, enfocando o papel do traço de animacidade. Além disso, lançando mão da análise do hebraico e do japonês e coreano quanto à elipse de VP e o ON feita por Goldberg (2005), indicaremos como o PB se comportaria quanto a essas construções em relação aos padrões apresentados por essas línguas.

1.2 Objetivos

Esta dissertação se debruça sobre duas questões recorrentes na literatura sobre o ON no PB que não nos parecem bem resolvidas: i) o papel do traço de animacidade como característica soberana do ON e ii) a distinção entre o ON e a construção de elipse de VP.

A partir da caracterização do ON no PB pela definição do papel da animacidade e de outros traços que também aparecem no fenômeno (questão (i)), trabalharemos a segunda questão, ao isolar a construção de ON por suas características e, assim, poder diferenciá-la da elipse de VP, que não apresenta restrições quanto a traços semânticos (CYRINO, 1997; GOLDBERG, 2005).

Também, não tendo notado na literatura a preocupação com o estabelecimento de uma tipologia de línguas quanto a esses dois fenômenos, a despeito da literatura disponível, esboçaremos qual seria o lugar do PB entre as línguas quanto à elipse de VP e ao ON, concluindo que, em relação ao comportamento das línguas analisadas por Goldberg (2005), o PB pertenceria a uma categoria diferente das tratadas pela autora.

1.3 Metodologia

Para o alcance dos objetivos supracitados, utilizando-nos dos pressupostos teóricos da gramática gerativa, apresentaremos o trabalho de Goldberg (2005), o qual enfoca o estabelecimento de um diagnóstico para a elipse de VP nas línguas e, em busca desse estabelecimento, apresenta meios de distinguir essa construção de outras anafóricas nulas, como a de ON, em várias línguas. Procedendo a essa distinção no Hebraico, por exemplo, a autora estabelece que é o traço de animacidade do ON nessa língua que permite distingui-lo da elipse de VP, amarrando, portanto, as duas questões centrais desta dissertação.

Fazendo o mesmo movimento para o PB, ou seja, priorizando o ON na identificação de suas características para, em seguida, proceder à diferenciação em relação à elipse de VP, apresentaremos uma análise para o PB, a fim de verificar se essa língua se comporta como o hebraico na distinção das duas construções, baseada apenas na animacidade, ou se possui outras particularidades quanto ao ON e a elipse de VP, que, ao final, serão utilizadas para estabelecer a distinção entre elas e para indicar o lugar do PB entre as línguas quanto aos dois fenômenos.

1.4 Organização da Dissertação

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: neste capítulo 1, apresentamos o problema, os objetivos do trabalho e a metodologia empregada para alcançar os resultados.

No capítulo 2, introduzimos a fundamentação teórica que sustenta este trabalho, ou seja, os pressupostos da gramática gerativa, com destaque para alguns pontos fundamentais para esta pesquisa, além de considerações gerais sobre a evolução do modelo.

O capítulo 3 traz uma revisão da literatura sobre o ON no PB, com a descrição de vários trabalhos nos quais se percebe a recorrência do traço de animacidade como pré-requisito para o ON e, ao mesmo tempo, inicia o apontamento dos problemas quanto à distinção entre ON e elipse de VP na literatura quando as duas construções são citadas.

O capítulo 4 apresenta os trabalhos que abordaram propriamente as diferenças e semelhanças entre ON e elipse de VP, levantando desafios e perguntas não respondidas para uma distinção mais efetiva entre as duas construções.

No capítulo 5, finalmente, apresentamos a proposta de Goldberg (2005) e os meios que a autora utiliza para diferenciar a elipse de VP de uma estratégia de argumentos nulos, como o ON, em algumas línguas e, depois disso, fazemos uma proposta preliminar para o PB, indicando um caminho para caracterizar o ON nessa língua, o que, conseqüentemente, permitiria a distinção entre elipse de VP e ON no PB. Por fim, procuraremos mostrar o lugar dessa língua em relação às línguas analisadas pela autora quanto aos dois fenômenos.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA GERATIVA

2.1 Introdução

O presente trabalho se insere no quadro teórico do modelo de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa (CHOMSKY, 1981,1986), em suas atualizações mais recentes, a saber, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995,1998 e trabalhos subsequentes).

Apresentaremos, neste capítulo, os principais objetivos da teoria gerativa da gramática e a evolução do modelo gerativista, citando, resumidamente, os desenvolvimentos de cada etapa.

2.2 A Faculdade da Linguagem

A teoria gerativa tem início em 1957, com a publicação de *Syntactic Structures*, de Noam Chomsky. A principal diferença desse novo modelo em relação ao Estruturalismo vigente à época é que o foco sai de estudar o desempenho por si próprio, ou seja, as sentenças produzidas das línguas, como fazia o Estruturalismo, e passa a ser estudar o que o desempenho revela sobre mecanismos interiores da mente e as formas como esses mecanismos operam (CHOMSKY, 2005).

Assim, passa-se de uma perspectiva de língua externa, social, fruto de aprendizagem por meio de estímulo e resposta, para uma língua interna, individual, resultado de uma capacidade linguística programada biologicamente e cuja aprendizagem se restringe ao léxico e à morfologia.

É uma abordagem mentalista, portanto, que trata a linguagem como uma faculdade típica da espécie humana, disposta na forma de um sistema cognitivo biologicamente estruturado, um órgão linguístico, nos moldes do sistema visual, por exemplo, determinado geneticamente e que não existe desvinculado dos demais sistemas do corpo, atuando em interface com eles, como parte de uma estrutura mais complexa.

Essa faculdade da linguagem é inata, comum, universal e compreende o sistema computacional responsável pelo processamento da sintaxe das línguas, possuindo algumas propriedades bem características, uma das mais importantes sendo a infinitude discreta, a mesma exibida pelos números naturais, cuja grandeza não é apreendida pelas crianças, já estando presente na mente, pois não haveria evidências suficientes para provê-la de outro modo (CHOMSKY, 2005).

É essa propriedade que permite ao falante de qualquer língua natural, a partir de um número restrito de ferramentas gramaticais (princípios, morfemas, sons, palavras, etc.), produzir infinitas sentenças que respeitem a gramática de sua língua. Isso reforça o fato de que não aprendemos língua por meio da repetição do que ouvimos, pois, se assim fosse, essa capacidade criativa de produzir novas e infinitas sentenças não se manifestaria. É nesse sentido que a gramática é chamada *gerativa*, pois se trata de um sistema computacional inato capaz de gerar, a partir de poucos elementos, todas as sentenças possíveis de uma dada língua.

Outra manifestação da infinitude discreta, assim como do inatismo da linguagem, é que nenhuma criança aprende que existem frases com três palavras ou com quatro, mas não com três palavras e meia. Ou seja, por meio da nossa dotação biológica, conhecemos as unidades gramaticais mínimas sem que as tenhamos aprendido formalmente. (CHOMSKY, 2005).

Assim, essa teoria dá conta de explicar o fato de crianças muito pequenas produzirem sentenças jamais ouvidas e apenas sentenças que respeitam a gramática da língua que estão adquirindo, demonstrando que elas sabem muito mais do que lhes é oferecido nos dados fragmentados e esparsos a que são expostas (argumento da pobreza de estímulo).

A aquisição da língua, nesse modelo, seria semelhante ao crescimento dos órgãos do corpo, um processo natural que simplesmente acontece e não que é empreendido pela criança, sendo o resultado do estado inicial inato da faculdade da linguagem somado à experiência com os dados linguísticos que lhe são submetidos.

Esse estado inicial é chamado de GU (Gramática Universal) e pode evoluir para a gramática de qualquer língua a partir dos dados linguísticos (*input*) a que se é exposto. Sendo universal, uma criança que nascesse em Tóquio e imediatamente migrasse para Nova

Porque aprenderia inglês em contato com essa língua, mas, se ouvir japonês em casa, por exemplo, também desenvolverá o japonês, tudo a partir da combinação da GU com a experiência com dados dessas línguas.

Essa experiência fornece o *input* para o estado inicial inato da faculdade da linguagem, que o processa e fornece como saída (*output*) a língua. Cada língua, portanto, é resultado da interação do estado inicial (GU) com fatores externos da experiência do falante. É objeto de estudo da Teoria Gerativa tanto essa entrada, ou seja, o *input*, quanto a saída, que é a língua resultante, a fim de se obter informações sobre os mecanismos da GU e como eles operam. Assim, a Gramática Gerativa, enquanto teoria da linguagem, se propõe a ser descritivamente e explicativamente adequada, respectivamente, ao descrever minuciosamente as propriedades de uma dada língua e ao mostrar como essa língua resultou de um estado inicial uniforme.

Assumir esse estágio inicial comum e universal a partir do qual todas as línguas são formadas, contudo, resulta em que as línguas compartilhem propriedades essenciais e diferenças apenas superficiais. Essa questão é desenvolvida pela Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981,1986), que trata cada gramática como composta de princípios rígidos, comuns a todas as línguas, oriundos da GU, e de parâmetros, também fixos, mas com possibilidade de variação entre as línguas, como a possibilidade de objeto nulo, que a criança em processo de aquisição fixa como parâmetro positivo ou negativo para a sua língua, conforme os dados de língua com que tem contato.

Assim, essa teoria busca estabelecer e descrever os princípios e parâmetros existentes. Trazendo isso para a nossa pesquisa, as categorias vazias cumprem papel importante para a teoria, na medida em que possuem representação mental⁵, ao terem uma referência, embora não tenham representação fonológica. Logo, durante o processo de aquisição, a criança não as aprendeu porque as ouviu, mas porque marcou o parâmetro correspondente a partir dos dados iniciais que recebeu. Nesse sentido, as categorias vazias refletiriam os recursos da mente.

⁵ Essa representação se manifestou na teoria, por exemplo, na postulação de um dos princípios elencados em Princípios e Parâmetros, o Princípio de Projeção, segundo o qual os constituintes sintáticos devem aparecer em todos os níveis de representação durante a derivação, não podendo ocorrer apagamentos. Embora tenha perdido relevância no Minimalismo, esse princípio motivou o estabelecimento da representação das posições foneticamente nulas (vestígios de NP, *pro*, PRO e variável, segundo Chomsky, 1982).

Voltando às semelhanças entre as línguas, perceber que línguas tão distintas como semíticas (hebraico), banto (swahili)⁶, altaicas (japonês e coreano) e românicas (PB e PE) compartilham uma estrutura como o objeto nulo, por exemplo, só reforça a atuação de um mecanismo compartilhado entre as línguas⁷. Mais à frente, veremos que o hebraico e o PB compartilham ainda outras características e que o PB também se assemelha a línguas como o japonês e o coreano em certas questões, embora se distancie em outras. Elencar essas semelhanças e diferenças quanto às propriedades manifestas pelo objeto nulo no PB, a fim de identificar uma categoria a que o PB pertencesse em comparação com outras línguas, é um dos objetivos deste trabalho.

Tais semelhanças entre as línguas, pressupostas pelo modelo, às vezes não são mais evidentes porque, segundo Chomsky (2005), nos importamos mais com pequenas diferenças em detrimento das semelhanças abrangentes entre as línguas. Deveríamos nos esforçar para observar as línguas, na metáfora de Chomsky, com a postura de *um marciano estudando seres humanos* para sermos capazes de perseguir o objetivo da teoria gerativa, que é o problema central do estudo moderno da linguagem: “mostrar que todas as línguas são oriundas de um mesmo sistema e registrar fielmente suas intrincadas propriedades de som e sentido” (CHOMSKY, 2005, p. 35).

Uma dessas semelhanças abrangentes entre as línguas, por exemplo, é o Princípio B da Teoria de Ligação, que determina que “um pronome precisa estar livre na sua categoria de regência⁸” (CHOMSKY, 1982, p.20). Isso significa que, na sentença abaixo, o pronome clítico *a* e o constituinte *a Maria*, que estão num mesmo domínio na estrutura, não podem ser coindexados, gerando uma sentença agramatical nesse caso:

(9) A Ana sabe que foi a Maria_i que a_{j/*i} trouxe.

⁶ Para uma descrição detalhada dos argumentos nulos nessas duas primeiras línguas, conferir Goldberg (2005).

⁷ A propósito, na literatura sobre o ON, há quem tenha tratado a posição de objeto como um princípio, chamado de *Transitivity Requirement* (cf. ROBERGE, 2002), a exemplo da necessidade da posição de sujeito estabelecida pelo Princípio de Projeção Estendido. Continuando com a analogia, poderíamos pensar que o fato de uma língua apresentar ON não seria uma violação desse princípio, mas apenas indicaria que essa posição não estaria fonologicamente realizada, como no caso do Parâmetro do Sujeito Nulo.

⁸ Tradução livre de “A pronominal is free in its governing category”

A única leitura possível seria com o clítico estando livre na sua categoria de regência, ou seja, coindexado com *a Ana*, que está em outro domínio, ou com qualquer outro elemento nominal que não o c-comande, como um constituinte nominal em outra sentença ou alguém no discurso.

Aplicando essa teoria para o PB, podemos afirmar que sua gramática é composta pelos Princípios da GU, como o princípio B da Teoria de Ligação visto acima, e pela configuração de parâmetros própria dessa língua ([+Parâmetro do Sujeito Nulo], [+Parâmetro do objeto nulo], [+movimento de V para INFL], [+núcleo à esquerda], etc.).

A seguir, apresentaremos uma retrospectiva das principais etapas da evolução do modelo de pesquisa gerativista, da década de 50 até as propostas mais recentes.

2.3 A Evolução do Modelo

A fim de eliminar inadequações e incorporar descobertas, o modelo passou por vários desenvolvimentos, sem perder a preocupação de que o aparato técnico fosse capaz de gerar as sequências bem-formadas das línguas e apenas elas, em uma perspectiva que contemplasse a ideia central do relacionamento entre linguagem e mente de que há um componente da mente humana dedicado à linguagem que interage com outros sistemas mentais.

Após várias reformulações, as quais descreveremos em seguida, a teoria chegou à sua versão atual, chamada por Chomsky de *Programa Minimalista*, sendo um estágio da Teoria de Princípios e Parâmetros vigente desde a década de 80.

2.3.1 Syntactic Structures (1957)

A publicação de *Syntactic Structures* (1957) marca o início da Teoria Gerativa. Naquele momento, Chomsky argumentou contra a hipótese da vertente distribucionalista do Estruturalismo de que a aquisição da linguagem se dava via estímulo-resposta, declarando que o ponto central da linguística, qual seja, formular uma gramática a partir de um número finito de regras capaz de gerar todas as sentenças de uma língua, não era contemplado naquele modelo. O autor deixou claro que, por meio da gramática, uma experiência de

língua finita e acidental tornava o ser humano capaz de gerar e compreender infinitas sentenças.

Um importante conceito lançado nessa fase é o de (*a*)*gramaticalidade*, como sendo não o que tenha significado semântico, mas a adequação de uma estrutura às regras sintáticas de determinada língua:

(10) Colorless green ideas sleep furiously.

(11) *furiously sleep ideas green colorless.

(CHOMSKY, 1980, p.17)

O asterisco indica a agramaticalidade da sentença que não respeita a estrutura sintática da gramática inglesa (11) e não aparece na sentença que não fazia sentido semanticamente (10). Ou seja, a semântica não seria tão relevante comparada à estrutura sintática, o que demonstra uma certa superioridade da sintaxe em relação aos outros componentes da gramática que marcará todas as etapas da evolução da teoria.

Por gramática, Chomsky entende um mecanismo de produção das frases de uma dada língua, e por sintaxe, o estudo dos princípios e processos que presidem a construção dessas frases, o que novamente demonstra um papel preponderante da sintaxe em relação aos outros componentes da gramática, a semântica e a fonologia.

Enquanto a sintaxe gerava as sentenças da língua, o componente fonológico exibia a forma sonora da estrutura elaborada pela sintaxe e o semântico era responsável por interpretar essa estrutura. Cada falante teria uma gramática interiorizada, composta por um léxico mental cujas formas eram combinadas por um sistema de regras.

Pensando na gramática do inglês, Chomsky traz alguns exemplos dessas regras na obra de 1957, que seriam responsáveis pela geração infinita:

(12) Frase = SN + SV

SN = Art + N

SV = Verbo + SN

Verbo = Aux + V

(CHOMSKY, 1980, p. 29 e 43)

Assim, uma frase no inglês era formada por um sintagma nominal, composto de um artigo e um nome, e de um sintagma verbal, que, por sua vez, era composto de um verbo e de um outro sintagma nominal, e assim por diante.

Essas regras, sintagmáticas, seriam as responsáveis por transformar estruturas presentes num determinado nível, anterior, em sentenças da língua em um nível posterior, deixando-as dispostas na maneira como se apresentam. Ou seja, já havia a noção de níveis de representação da gramática, propostos à época para explicar construções ambíguas e homônimas.

Além de regras sintagmáticas, havia também as regras transformacionais, responsáveis por transformar frases declarativas, por exemplo, em frases negativas, interrogativas, enfáticas etc. Em função disso, a teoria gerativa também passou a ser conhecida como gramática transformacional.

2.3.2 A Teoria Padrão

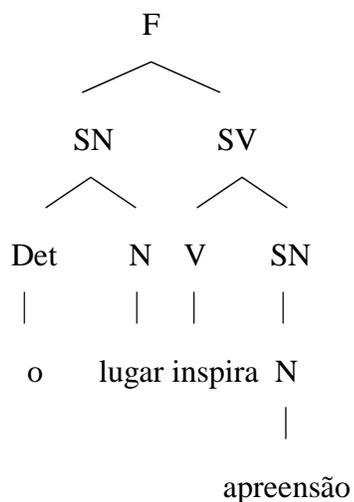
Em *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), Chomsky sistematiza o modelo de regras sugerido em *Syntactic Structures*, classificando-as em regras de reescrita categorial e regras transformacionais. As primeiras derivam da estrutura profunda das sentenças, na qual estaria o componente semântico da gramática e em que seriam aplicadas as regras transformacionais que resultariam na estrutura de superfície, que, por sua vez, é manifestada pelos componentes sintático e fonológico.

São definidos, portanto, os níveis de representação estrutura profunda, estrutura superficial e forma fonológica, além de um sistema de símbolos representativos das categorias gramaticais que identificavam, por exemplo, N como *nome* e SP como *sintagma preposicional*. Esses símbolos apareciam combinados na descrição das regras de reescrita (13), bem como nas representações arbóreas propostas para as sentenças (14):

(13) F (frase) = SN (Sintagma Nominal) SV (Sintagma Verbal)

(CHOMSKY, 1975, p.30)

(14)



(CHOMSKY, 1975, p.29)

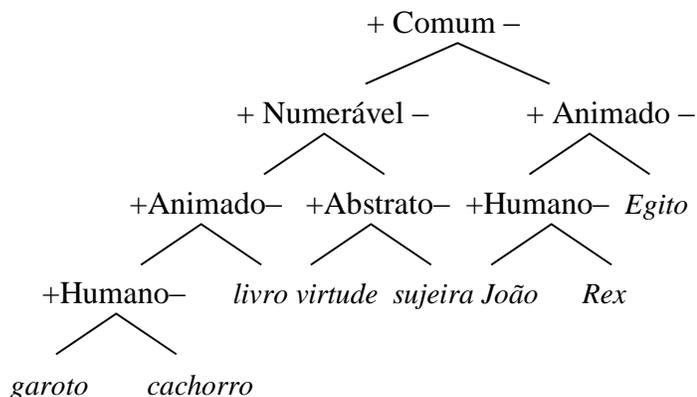
Outros conceitos importantes relacionados foram o de *competência* linguística, o conhecimento que o falante possuiria de sua língua, compreendendo as regras que lhe permitem gerar e compreender sentenças, e o de *desempenho*, o emprego concreto da língua pelo falante, em clara analogia com os conceitos de *langue* e *parole* do Estruturalismo saussuriano.

Ainda nessa fase, Chomsky introduz a noção de traço semântico, com o nome de traço sintático, ao exemplificar como as regras (cf. 15) dariam conta de indicar as informações semânticas de *garoto*, por exemplo, como *nome contável*, *comum*, *animado*, etc., processo que o autor chama de subcategorização das categorias lexicais (16):

- (15) $N \rightarrow [+N, \pm \text{Comum}]$
- $[+\text{Comum}] \rightarrow [\pm \text{Numerável}]$
- $[+\text{Numerável}] \rightarrow [\pm \text{Animado}]$
- $[-\text{Comum}] \rightarrow [\pm \text{Animado}]$
- $[+\text{Animado}] \rightarrow [\pm \text{Humano}]$
- $[-\text{Numerável}] \rightarrow [\pm \text{Abstrato}]$

(CHOMSKY, 1975, p.168)

(16)



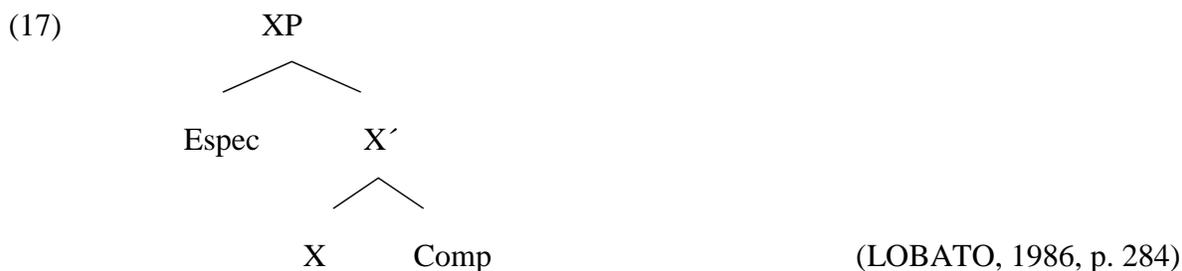
(CHOMSKY, 1975, p.169)

Em cada unidade lexical haveria um conjunto de traços, e, assim, cada regra se aplicaria a todos os segmentos que contivessem um certo traço ou um conjunto de traços. Os substantivos nos vértices da estrutura, portanto, pertenceriam a uma categoria de itens lexicais com os mesmos traços.

Essa fase da teoria conseguia captar algumas propriedades das línguas, como a recursividade, propriedade sintática por meio da qual uma estrutura pode ser encaixada infinitamente em outra estrutura em uma derivação, ao permitir a inclusão de regras dentro de regras. No entanto, ela não captava os universais linguísticos, pois era local, específica para o inglês, e também tornava difícil explicar a aquisição da linguagem, pois, se a criança tivesse de aprender todas as regras da sua língua para construir sua gramática, ela provavelmente não o faria no pequeno espaço de tempo que dura a aquisição.

2.3.3 A Teoria Padrão Estendida

Diante das questões apontadas, foram feitos alguns ajustes à Teoria Padrão, o que gerou a *Teoria Padrão Estendida* nos anos seguintes. O principal deles foi a postulação da teoria X-barrá, nos moldes de (17), para dar conta da representação dos constituintes das línguas e de suas relações de hierarquia de forma universal, com a consequente eliminação das regras particulares:



Essa representação dava conta do fato de as categorias lexicais Nome, Verbo e Adjetivo, em seus respectivos sintagmas, poderem apresentar tanto especificador antes do núcleo em questão (*Três alunos; Pouco fala; Muito feliz*) quanto complementos (*O recado de Maria; Propus à Maria que viajássemos juntos; O livro de linguística que vou escrever*⁹). Assim, as línguas seriam representadas universalmente conforme essa estrutura, com os sintagmas XP compostos de especificadores, núcleos X, seguindo o Princípio da Endocentricidade¹⁰, e complementos.

Essa estrutura também facilitaria o entendimento da aquisição, pois, no lugar de aprender todas as regras de uma língua, como a da sentença, exemplificada para o inglês em (13), e as regras para verbos e para os demais sintagmas, a criança já portaria a estrutura hierárquica X-barra e teria apenas que preencher suas posições de acordo com as propriedades manifestadas por sua língua.

Ainda em busca de uma teoria mais universal, manteve-se apenas a regra de *Mover α*, para dar conta dos deslocamentos entre os constituintes ocorridos nas línguas. Também foram postulados filtros de boa formação de sentenças, que barravam construções que não lhes obedecessem. Dentro da evolução seguinte do modelo, esses filtros passaram a ser encarados como Princípios da gramática universal.

2.3.4 A Teoria de Princípios e Parâmetros

Nessa fase, estabelece-se Princípios e Parâmetros (P&P), que, como já foi visto, contrapõe os princípios universais com os parâmetros selecionados por cada língua no

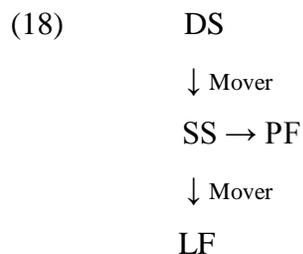
⁹ Exemplos retirados de Lobato (1986), p. 283.

¹⁰ Princípio que garante que cada constituinte XP tenha um núcleo X, e não Y ou Z, de forma que os sintagmas sejam encabeçados por um núcleo de mesma natureza que a projeção máxima.

âmbito da GU. Essa teoria favorece ainda mais a concepção da aquisição da linguagem, no sentido de que a criança já nasceria com os princípios e com dotação biológica também para os parâmetros, precisando apenas marcá-los positivamente ou negativamente diante do *input* fornecido pelo ambiente linguístico no período de aquisição de sua língua, simplificando o processo.

Além disso, P&P marca uma mudança de foco, pois, em vez de se explicar os dados diretamente, passou-se a priorizar as generalizações subjacentes aos dados, se aproximando ainda mais da adequação explicativa pretendida pela teoria. A adequação descritiva se manteve, na medida em que se buscava também estudar os parâmetros das diferentes línguas. Nesse processo, a teoria se aproximou da linguística comparativa.

O modelo da gramática nessa fase é bem estabelecido, acrescentando aos níveis superficial (SS) e profundo (DS), propostos anteriormente, o nível abstrato FL (Forma Lógica, LF em inglês¹¹) de representação, postulado para explicar alguns problemas de interpretação, sendo um nível de interface com a estrutura superficial (SS) e os sistemas conceituais e intensionais. A Forma Fonética (FF ou PF em inglês), por sua vez, faz interface com os sistemas articulatórios e perceptuais. Juntos, tais níveis dão conta da relação som-significado nas línguas:



(HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 23)

Entretanto, com a difusão da teoria a pesquisadores de várias línguas do mundo, que passaram a aplicá-la a fim de analisar as propriedades de suas línguas maternas, aumentaram os recursos usados para explicar as propriedades das línguas, surgindo, a todo momento, um dado de alguma língua que desconstruía algum dos pressupostos da teoria, o

¹¹ Ao longo do trabalho, utilizaremos indistintamente FL/ LF e FF/PF

que acabou por gerar uma série de estipulações adicionais para dar conta dos dados. Desse inchaço, resultou a queda dos níveis internos de representação (DS e SS).

Consideremos, por exemplo, um dado do PB com o verbo *agradar* no infinitivo (*O João é fácil de agradar*) em uma estrutura argumental bem peculiar, representada no nível profundo (19) e superficial (20):

(19)DS: É fácil de agradar o João.

(20)SS: O João é fácil de agradar¹².

No nível da estrutura profunda (19), *o João*, na posição em que é gerado, receberia caso acusativo e papel temático do verbo, restando saturado. No entanto, ele se move para a posição de especificador da oração matriz para configurar a estrutura superficial, movimento este que, aparentemente, não seria justificado. Diante de dados como esse, o nível da estrutura profunda passou a ser questionado.

2.3.5 O Programa Minimalista

Assim, em virtude do inchaço da Teoria de Regência e Ligação e da insustentabilidade dos níveis intermediários, descritos acima, surge o *Programa Minimalista* em 1993. Sem abandonar a faculdade da linguagem e P&P, sendo apenas um estágio dessa teoria, o novo programa faz uma tentativa de enxugar a teoria gerativa, tornando-a mais elegante e parcimoniosa ao tratar apenas do que realmente importaria para as línguas, sem perder seu objetivo de pretender ser universal.

Os níveis intermediários SS e DS são abandonados no novo modelo da gramática, restando apenas os que, de fato, parecem relevantes para as línguas, sendo responsáveis pela relação entre som e significado que todas elas exibem: LF e FF. Além deles, o modelo também compreenderia a inserção lexical (N), para haver o início da derivação, e *Spell-out*, um marcador do momento adequado de envio da sentença para FF:

¹² Exemplo apresentado e analisado pela professora Dra. Cilene Rodrigues, a quem agradeço, em curso ministrado no EVELIN 2012.

(21) N= {A_i, B_j, C_k...}
 ↓ Select & Merge & Move
 Spell-Out → PF
 ↓ Move
 LF

(HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005, p. 73)

Em virtude da noção de Economia perseguida pelo programa, as derivações passaram a ocorrer com o mínimo possível de operações. No modelo acima, vemos representadas a de *Select* (escolha dos itens lexicais que entrarão na derivação), *Merge* (processo recursivo de se unir binariamente os objetos sintáticos quantas vezes forem necessárias) e *Move*, que se relaciona aos movimentos dos constituintes para a checagem de traços.

Essa checagem surge a partir do entendimento dos itens lexicais como feixes de traços, fonéticos, semânticos e sintáticos (formais), e se refere à atração (movimento) do item lexical portador de traços sintáticos fortes ao núcleo funcional relevante, como, por exemplo, a atração do verbo que carregue traços de concordância a INFL, para que ocorra o apagamento desses traços. Quando restarem apenas traços fonológicos, semânticos ou sintáticos fracos na derivação, ocorre o *Spell-out*, momento em que se envia o produto da computação para a interface fonética (PF) e para a interface semântica (LF) para a interpretação dos traços restantes¹³.

Assim, as operações do sistema computacional são definidas em função dos itens lexicais selecionados e estes são buscados uma única vez, formando uma numeração. Isso marca uma diferenciação em relação à fase de Regência e Ligação, em que eram feitos inúmeros acessos ao léxico para a coleta dos itens lexicais, assim como a inclusão de elementos estranhos à seleção inicial, como vestígios, incluídos na derivação para indicar à semântica que houve movimento. Essas duas características são abandonadas no

¹³ Esse é um outro problema que impede o tratamento dos traços semânticos como licenciadores do objeto nulo. Se apenas os traços formais são relevantes na computação, não podemos afirmar que os traços semânticos animacidade, especificidade, etc, tratados nesse trabalho como relevantes para o ON, licenciam o fenômeno, uma das razões pelas quais estamos afirmando que eles *caracterizam* o ON.

Minimalismo, que, em vez do vestígio, passa a tratar as posições em que repousou algum constituinte em termos de cópias apagadas.

2.4 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, buscamos embasar teoricamente o trabalho, indicando, resumidamente, alguns dos pressupostos da gramática gerativa que retomaremos em seu curso. No próximo capítulo, apresentaremos a revisão da literatura sobre o ON no PB.

CAPÍTULO 3

A LITERATURA SOBRE O ON NO PB: O PAPEL DO TRAÇO DE ANIMACIDADE E AS SEMELHANÇAS COM A ELIPSE DE VP

3.1 Introdução

Inicialmente, os trabalhos sobre o ON no PB primaram por sua classificação dentro das categorias vazias identificadas por Chomsky (1982) - variável, *pro*, PRO e vestígio de NP, mas logo notaram que o ON possuía, nessa língua, uma característica bem contundente - a inanimacidade. Alguns trabalhos também elencaram semelhanças entre o ON e a elipse de VP, muitas vezes não deixando claro o que caracterizaria uma e outra estrutura.

Ao longo deste capítulo, apresentaremos uma breve revisão da literatura sobre o ON no PB, em que se percebe esse percurso e a recorrência dessas duas questões.

3.2 Revisão da Literatura

3.2.1 Trabalhos Variacionistas

Os primeiros trabalhos a respeito do objeto nulo no PB foram de cunho variacionista, primando pela análise do fenômeno em relação a variáveis sociais que selecionariam seu uso. Embora não apresentem muitos exemplos, vários deles trabalharam com o condicionamento sintático da categoria vazia na posição de objeto e com a identificação dos traços semânticos predominantes quando da ocorrência da categoria vazia nessa posição.

Omena (1978), por exemplo, analisando o pronome de terceira pessoa e suas formas variantes em função acusativa (clítico, pronome lexical e objeto nulo) em mais de mil dados de fala de adultos em fase de alfabetização no Rio de Janeiro, não atestou o uso do clítico acusativo e verificou que um antecedente com função de objeto favoreceria o objeto nulo em 86,5% das ocorrências. A autora mostrou, ainda, que o antecedente do ON no PB aparece na maioria dos casos (88,3%) com os traços [- animado] e [-específico].

Tarallo (1983) publicou um importante trabalho diacrônico também de cunho variacionista, no qual analisou textos escritos de caráter informal e, embora seu foco fossem as estratégias de relativização no PB, atestou, no capítulo *Relativização e pronominalização em PB: diacronia x sincronia*, um aumento contínuo da categoria vazia na posição de objeto direto no PB ao longo dos séculos, até sua predominância no século XX, e a simultânea queda dos clíticos, acentuadamente quando em função de objeto direto e pronome oblíquo.

Quanto ao ON, classificado pelo autor como *pronominal deletion* ou *zero anaphora*, foram apresentados dois exemplos:

(22) *O café de lá é tão ruim. Eu não consegui tomar* __. (TARALLO, 1983, p.162)

(23) *Eu não sei como as pessoas conseguem ouvir o João no telefone. Às vezes eu estou do lado dele e não estou escutando* __. Parece que ele não está falando.

(TARALLO, 1983, p. 164)

Interessante notar, para os nossos objetivos, que ambos os exemplos estão no aspecto imperfectivo¹⁴ e que (23) apresenta antecedente [+animado]. Não obstante a essas questões, que serão retomadas posteriormente, os resultados de Tarallo apenas indicaram que o objeto direto anafórico é “cancelado” quando o antecedente é [-humano] em 84,2% dos casos e em 78,6% quando é indefinido, independentemente de classe social do falante, já indicando que animacidade e especificidade seriam relevantes para o ON.

Em trabalho posterior, Tarallo e Duarte (1988) afirmaram haver três aspectos linguísticos que determinam a escolha das variantes objeto nulo, clítico e pronome pleno na retomada anafórica de 3ª pessoa: a estrutura oracional, a forma verbal e o traço [+animado] do objeto direto. Enquanto haveria uma combinação desses aspectos para o licenciamento de clíticos e pronomes plenos (estrutura SVO, forma verbal simples e o traço [+animado])

¹⁴ Estamos tratando verbos no infinitivo como imperfectivos, sem, contudo, entrarmos na discussão existente na literatura se eles devem ou não serem classificados dessa maneira.

para o clítico, e estruturas sintáticas complexas e o traço [+animado] para o pronome pleno), para o licenciamento do ON, bastaria a presença do traço [-animado] do objeto¹⁵.

Duarte (1989), na mesma linha variacionista, apresenta uma análise quantitativa do ON e das demais formas variantes para a posição do objeto (clítico acusativo, pronome lexical e SN anafórico), utilizando dados de gravações de falas espontâneas e linguagem televisiva (entrevistas e novelas).

Lançando mão de aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, além de fatores sociais e estilísticos como condicionantes do ON, a autora elege o componente semântico “traço [-animado] do antecedente” como o mais relevante para sua ocorrência, pois favoreceria o ON não importando em que estrutura sintática ele ocorresse.

Contudo, ela reconhece a ocorrência de ONs com antecedentes [+animados]. Na verdade, todos os exemplos de ON apresentados aparecem com esse traço (cf. (24) e (25)), sendo explicados mediante fatores sociais e estilísticos:

(24) (O Sinhozinho Malta está tentando convencer o Zé das Medalhas a matar *o Roque...*) Mas ele é muito medroso. Quem já tentou **matar** __ foi o empregado da Porcina. Ontem ele quis **matar** __, a empregada é que salvou __. Ele estava prontinho pra dar o tiro, quando a Mina chegou lá, passou um pito nele e convenceu __ que ele não devia **matar** __.

(DUARTE, 1989, p.20)

(25) No princípio ele não concordava comigo, mas depois eu convenci __ de que ele não devia agir assim.

(DUARTE, 1989, p.32)

Para a autora, enquanto o ON [-animado] passaria quase inteiramente despercebido, sendo natural sua aceitação em todos os tipos de estrutura, o [+animado] teria aceitação razoável por parte dos informantes, “exceto aqueles que se situam num nível de escolaridade mais alto, a quem causam estranheza construções de que eles próprios fazem uso na fala natural” (p. 32). Portanto, o ON [+animado] seria usual para Duarte. Também

¹⁵ Discordamos da autora quanto à afirmação de que o licenciamento do ON se deve ao traço semântico de animacidade, chamando a atenção, novamente, para a existência de categorias funcionais ainda não devidamente estudadas que engendram esse licenciamento e para a preponderância dos traços formais na computação.

chamamos a atenção para o aspecto imperfectivo do verbo *matar*, presente várias vezes em (24) nas orações em que ocorrem ON, cuja relevância será colocada posteriormente.

Corrêa (1992), embora trabalhando em perspectiva gerativista, utilizou a metodologia variacionista para tentar desvendar como ocorreria o preenchimento do objeto direto no PB. De posse de seus dados (gravações de alunos de 1ª série, de nível superior e não-escolarizados), a autora considerou aspectos estruturais, como o lugar do antecedente, sua animacidade, a correspondência entre a função do objeto e do seu correferente e o tipo de oração em que ocorre o ON para tentar mapear seu uso.

A autora afirma que, independentemente da estrutura sintática, o uso do objeto nulo no PB está condicionado ao traço [-animado] do seu antecedente, pelo fato de 73% dos antecedentes dos ONs em sua amostra possuírem este traço. O exemplo abaixo, que também está no imperfectivo, demonstra esse padrão:

(26) Esqueceu *a carteira* na mesa e voltou para pegar _____. (CORRÊA, 1992, p.4)

Essa restrição de animacidade, segundo a autora, já foi bastante analisada nos trabalhos variacionistas e igualmente apontada pelos gerativistas, sendo relevante na medida em que, quando ocorrem objetos nulos nas demais línguas, eles são [+animados]¹⁶. Entretanto, a autora, mostrando que os adultos cultos (com curso superior) também produzem o ON, apresenta um exemplo de ON [+animado], embora não chame atenção para esse fato:

(27) (...) e eles saíram à procura do *rapaz*. Quando encontraram _____, levaram _____ para dentro da lanchonete. (CORRÊA, 1992, p.4)

A autora também notou que o ON do PB ocorre em orações dos mais diversos tipos: coordenadas, independentes (absolutas), adverbiais, adjetivas, substantivas e até principais (cf. (28)-(33)), respectivamente, demonstrando a grande produtividade do fenômeno:

¹⁶ Neste ponto, ela traz os mesmos exemplos que apresentamos em (2c) e (2d), com leitura genérica. Julgamos que esses dados não se contrapõem ao ON [-animado] do PB, por não serem do tipo de ON com antecedente definido e interpretação específica que estamos analisando nesse trabalho.

- (28) Ia puxando a bolsa pra cá, ela **puxava** ___ pra lá.
- (29) Trouxeram ___ de volta para a lanchonete.
- (30) Ela pediu um lanche e um refrigerante para **tomar** ___.
- (31) Um dia duas moças que **estudavam** ___ foram **fazer** (...).
- (32) (...) viraro ___ de ponta-cabeça, pra vê se **achava** ___.
- (33) Foi **pegando** ___ sem querer saber.

(CORRÊA, 1992, p.52)

Retomando a questão da animacidade, encontrada em (27), os exemplos (29), (32) e (33), ao retomarem pelo ON possíveis antecedentes [+animados], também levantam a questão de que o ON não parece se restringir ao traço de inanimacidade. Novamente, chamamos atenção para a quantidade de verbos no aspecto imperfectivo, destacados nos exemplos (grifo nosso), presentes nas mesmas orações que o ON.

3.2.2 Trabalhos Gerativistas

3.2.2.1 Wheeler (1981)

Em perspectiva gerativista, Wheeler (1981), ainda dentro da Teoria Padrão Estendida, foi a primeira a chamar a atenção para o ON no PB, construção que, em princípio, não existiria nas demais línguas românicas. Após constatar que o pronome tônico nessa língua seria marcado com o traço [\pm animado], enquanto o do PE seria obrigatoriamente [+animado], ela ponderou que o ON seria um pronome com o traço [-pessoa], resultado de uma regra de apagamento (conceito típico daquele momento da teoria, como já vimos).

Quanto à sua classificação sintática, a pesquisadora concluiu que tal categoria vazia seria *pro* por ser este, dentre as possibilidades disponíveis segundo Chomsky (1979) - PRO, NP vazio e *pro* – o único que dava conta da questão da recuperabilidade (PRO estaria descartado por não poder ser regido, sendo que o ON teria de ser). Esse *pro*, para ela, seria resultado do apagamento do pronome sujeito de 3ª pessoa usado como objeto, pronome este que não existiria nas outras línguas românicas, razão pela qual ele não poderia ser apagado

nelas, gerando o ON. Nas outras línguas, o clítico que apareceria nos contextos de objeto com o traço [+pessoa] também não poderia ser apagado:

(34) a. (PB): Manda *o pacote* por correio.

Manda *ele* por correio.

Manda __ por correio.

b. (Francês): Envoie-*le* par la poste.

*Envoie *lui* par la poste.

*Envoie __ par la poste.

c. (Italiano): Spedisci*lo* per la posta.

*Spedisci *lui* per la posta.

*Spedisci__ per la posta.

d. (Espanhol): Mándalo por correo.

*Manda *el* por correo.

*Manda \emptyset por correo.

(WHEELER, 1981, p.213)

A explicação do ON, no exemplo (34a), como ocorrendo em virtude do apagamento do pronome lexical *ele*, portador do traço [-pessoa], condicionaria o ON a esse traço para Wheeler. Em trabalhos gerativistas posteriores, como veremos, mantém-se a relação existente entre o ON e um traço relacionado ao de pessoa, no sentido de sua característica [+ humana], no caso, o de animacidade.

3.2.2.2 Huang (1984)

Continuando com os trabalhos gerativistas sobre o ON, fazemos menção ao trabalho de Huang (1984), o qual, embora não trate do PB, foi um marco na literatura sobre o fenômeno, tendo desencadeado vários trabalhos sobre o tema nas línguas particulares,

inclusive no PB. Enfocando o ON do chinês, no âmbito da Teoria de Regência e Ligação (TRL), o autor conclui que o ON nessa língua seria uma variável ligada por um tópico nulo, um operador foneticamente não realizado, representado na estrutura sintática de uma sentença, mas cujo conteúdo só poderia ser recuperado no ambiente discursivo em que estava inserido.

Seu trabalho ainda classifica o português, chinês, japonês, coreano e o quéchua como “línguas orientadas para o discurso¹⁷”, que podem ter tanto a posição de sujeito como a de objeto nulas, e inova ao apresentar uma análise de condicionamentos sintáticos e da teoria do *pro drop* para a posição do objeto.

3.2.2.3 Raposo (1986)

Tratando do ON no PE, Raposo (1986) analisa o fenômeno também como uma variável, um vestígio deixado pelo movimento para a posição de COMP de um operador nulo coindexado ao tópico nulo do discurso, com base no fato de que sentenças contendo objetos nulos dentro de ilhas são inaceitáveis no PE:

- (35) a. *O rapaz que trouxe __ mesmo agora da padaria era o teu afilhado.
b. *Que a IBM venda __ a particulares surpreende-me.

(RAPOSO, 1986, p. 382)

No PB, como veremos mais adiante, essas sentenças são gramaticais e, portanto, o ON não será considerado variável nessa língua.

3.2.2.4 Farrell (1987)

Farrell (1987) também descarta a caracterização do ON como variável no PB, advogando pelo *pro*:

¹⁷ A dicotomia “línguas orientadas para o discurso” x “línguas orientadas para a sentença”, que aparece em Huang (1984), vem de Ross (1982) e baseia-se no fato de nas primeiras a predicação se realizar mais através da relação da sentença e um constituinte que está fora dela que por meio da relação entre sujeito e sintagma verbal, como se dá nas últimas.

(36) *O Pedro_i disse que a Maria beijou _____i

(37) João disse que a Maria não beijou o Pedro_i na festa, mas o Pedro_i disse que ela beijou _____i.
(FARRELL, 1987, *apud* CYRINO, 1997, p. 147)

A gramaticalidade de (37) dentro da estrutura em (38), segundo o autor, indica que o ON não pode ser variável ligada a um tópico nulo, pois, se fosse, violaria a condição de cruzamento forte¹⁸. Assim, a ocorrência de ON dentro de ilhas o levaria à condição de *pro*.

Entretanto, Farrell aponta um problema da análise de ON como *pro*: se o objeto nulo do PB é *pro*, não há como explicar a impossibilidade de (36) ante à possibilidade de (38), com o pronome lexical na posição de objeto:

(38) O Pedro_i disse que a Maria beijou ele_i.

(FARRELL, 1987, *apud* CYRINO, 1997, p. 147)

Farrell resolve o problema recorrendo a estipulações com relação à ocorrência do ON, as quais não iremos tratar aqui.

Cyrino (2000), em trabalho que apresentaremos mais à frente, analisando o mesmo problema, conclui que a agramaticalidade de (36) reside na animacidade do antecedente (para ela, o ON é eminentemente [-animado]), e, além disso, que (37) só é possível, com antecedente [+animado], porque está em uma estrutura de elipse de VP e não de ON¹⁹, como Farrell considerou. Quanto ao exemplo em (39), tratado como gramatical por Farrell, Cyrino o considera agramatical, em virtude de o antecedente ser [+animado, +específico] em uma estrutura de ON:

(39) *A Júlia* sempre chora quando ponho __ no berço.

(FARRELL, 1989, *apud* CYRINO, 2000, p.7)

Portanto, podemos afirmar que o fato de Farrell ter considerado (39) gramatical apesar da animacidade do ON e (37) um caso de ON e não de elipse de VP, contrariando a

¹⁸ Caso em que uma variável cruza um pronome, tornando a estrutura condenada tanto pelo Princípio C de ligação quanto pelo Princípio de Posicionamento à Esquerda (LOBATO, 1986, p.390).

¹⁹ De fato, trata-se de elipse de VP, pois além de *o Pedro*, *na festa* também é apagado na oração da elipse.

análise de Cyrino, indica tanto uma incerteza quanto à restrição do ON pela animacidade quanto uma certa indefinição quanto ao que seria elipse de VP e o que seria ON.

3.2.2.5 Galves (1989)

Voltando ao PB, Galves (1989) foi uma das pioneiras no trabalho com o objeto nulo dentro da TRL, tratando essa categoria vazia como sendo *pro*. Ela começa seu trabalho retomando o texto de Huang (1984), que, em suas palavras, foi o ponto de partida de sua pesquisa sobre o ON no PB, chamando a atenção para a possibilidade que a análise do autor trouxe de formalização de “línguas orientadas para o discurso” no que tange às categorias vazias, o que possibilitou a entrada do ON na linha sucessória do sujeito nulo no centro das atenções na abordagem paramétrica dentro do programa de pesquisa gerativista.

O que caracteriza o fenômeno para a autora e estabelece a variação paramétrica é a possibilidade de ocorrência de tópico nulo dominando a sentença na língua (objeto nulo interpretado em discurso), como em (40a). Línguas que não aceitam tópico nulo (orientadas para a sentença), e conseqüentemente, o ON, como o inglês, só admitiriam tópico lexical (40b):

(40) a. Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar.

b. John_i, I saw ____i yesterday.

(GALVES, 1989, p.68)

Baseando-se em ideias e dados de Raposo (1986), para quem o exemplo do português acima é agramatical (no PE), e tendo considerado gramaticais também as sentenças do autor em (35), a autora, além de passar a considerar essa categoria vazia em termos de pronome (*pro*), contrariando a proposta de Huang (1984) de se tratar de uma variável, marca a diferenciação estrutural entre o PB e o PE, destacando o PB em comparação às demais línguas românicas em relação ao ON pela possibilidade de ocorrência de objeto nulo não-referencial produzindo sentenças gramaticais no PB, inclusive em ilhas, como em (40a).

3.2.2.6 Huang (1991)

Huang (1991), continuando a tratar sobre o ON no chinês, também evidencia problemas quanto à distinção entre ON e elipse de VP nessa língua, propondo que a elipse de VP seja empregada para explicar certas construções tidas normalmente como de objeto nulo. Em sentenças como (41), para o autor, ocorreria elipse de VP, e não objeto nulo, pois a repetição do verbo na segunda oração seria uma espécie de *pro-VP* resumptivo, já que o chinês não apresenta *do support*²⁰.

(41) Zhangsan kanjian-le *tade mama*, Lisi ye kanjian-le.

‘Zhangsan viu sua mãe, e Lisi também viu’.

(HUANG, 1991, *apud* CYRINO, 1997, p.43)

Além disso, Huang argumenta, para constatar a elipse de VP em (41) em vez de objeto nulo, que essa sentença admite leitura imprecisa (*sloppy*), além da estrita. Ou seja, há a disponibilidade da leitura em que Lisi viu sua própria mãe (imprecisa), ao lado da em que Lisi viu a mãe de Zhangsan (estrita). Para Huang, a manifestação dessa leitura só seria possível se se admitisse a elipse de VP para o chinês.

Semelhantemente, o ON do PB também dispõe da leitura imprecisa, como veremos mais à frente, e, se concordamos com o autor, deveríamos tratá-lo como elipse de VP também. Retomaremos essa questão mais adiante.

3.2.2.7 Kato (1991)

Kato (1991) pontua que o objeto nulo não é um fenômeno homogêneo que ocorre uniformemente entre as línguas, sendo a manifestação de três estruturas, todas elas envolvendo processos fóricos: ocorrência de *pro* com referência no contexto pragmático, de caráter dêitico, o *exopro*, como em (42); ocorrência de elipse de VP, em que o antecedente estaria no discurso anterior, e não no contexto pragmático, como em (43), e ocorrência de *pro* sendo identificado e licenciado por um clítico nulo, como em (44):

²⁰ Com *do support*, o autor faz referência à elipse de VP do inglês, em que o verbo auxiliar fica enclachado, tida como a elipse de VP prototípica. Essa sentença, na elipse de VP do inglês seria: *He saw his mom and she also did*. Retornaremos a essa construção mais à frente.

(42) a. Push ___ !

b. Send ___ by mail!

(KATO, 1991, *apud* CYRINO, 1997, p.39)

(43) P²¹:- O homem colocou o armário?

R: - João disse que colocou ___ ontem.

(KATO, 1991, *apud* CYRINO, 1997, p.43)

(44) João arquivou o artigo sem ler ___.

(KATO, 1991, *apud* CYRINO, 1997, p.52)

A autora parece indicar uma diferença entre a elipse de VP e ON, no sentido de que a primeira apresentaria antecedente no discurso anterior (cf (43)) e a última o expressaria na mesma construção que a lacuna (cf. (44)), questão que retomaremos mais à frente. Contudo, ela considera a elipse de VP uma das manifestações do ON, o que novamente corrobora a nossa argumentação de que a distinção entre as duas estruturas não está bem estabelecida no PB.

3.2.2.8 Cyrino (1997)

Cyrino (1997), num importante trabalho diacrônico sobre o ON, manifesta as duas questões centrais desta dissertação em vários momentos. A autora caracteriza o ON do PB pelo antecedente [-animado] em virtude de uma reanálise da queda do clítico neutro, que também tinha essa característica (45):

(45) P: - Que é isto sobrinho?

R: - Eu o não sei, em minha consciência.

(CYRINO, 1997, p.169)

Como a ausência do clítico não comprometeria a interpretação, ao longo do tempo, segundo a autora, todo clítico com esse traço foi sendo apagado, o que teria gerado o ON.

²¹ Utilizarei as letras P e R nos exemplos para designar, respectivamente, “pergunta” e “resposta” ao longo do trabalho.

Caso o clítico tivesse o traço [+animado], no processo de desaparecimento, o falante teria passado a representá-lo com o pronome pleno para que a referência fosse feita:

- (46) a. João trouxe a Maria_i, mas Pedro não beijou ela_i.
b. ??João trouxe a Maria_i, mas Pedro não beijou ___i.

(CYRINO, 1997, p.146)

Cyrino afirma que a sentença acima é agramatical com o ON (46b), pois, para ela, sentenças com antecedente [+animado, +específico] geram construções inaceitáveis no PB com o ON, fato confirmado em grande medida por seus dados diacrônicos. Ou seja, para a autora, não haveria ON com antecedente [+animado, +específico/referencial], pois o objeto nulo do PB seria predominantemente [-animado].

Entretanto, em seus dados diacrônicos, há uma ocorrência de ON com antecedente [+animado, +específico]:

- (47) P: - Descobriram o assassino do crime?
R: - Para mim a polícia não descobre __.

(CYRINO, 1997, p.148)

A autora, contudo, relativiza a importância desse dado, dizendo que se trata de um exemplo em que a especificidade do antecedente não pode ser confirmada categoricamente, pois existe a leitura de “o assassino do crime, quem quer que ele seja”. E, mesmo que fosse, de fato, específico, essa estrutura, para ela, poderia ser considerada elipse de VP, que não possuiria restrição de animacidade, em vez de ON. Na verdade, trata-se daquelas construções ambíguas em que o único elemento interno ao VP é o objeto direto e ele está elidindo, sendo difícil afirmar se configuram ON ou elipse de VP²².

Assim, além do traço de animacidade condicionando o objeto nulo, o qual, grosso modo, determina que antecedentes com traço [-animado] permitiriam ON, o traço de especificidade também teria algum efeito para Cyrino, a partir da sua observação de que o ON pode ser [+animado] se combinado com o traço [-específico]:

²² Para uma alternativa de análise dessas construções, ver a análise proposta no capítulo 5.

(48) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria *o menor infrator*; não é ela o único responsável, o único elo que cria ___, e como tal ela não consegue recuperar___.

(DUARTE, *apud* CYRINO, 1997, p. 148)

Mas esse papel da especificidade não fica bem claro no trabalho da autora, no sentido de que ela não sistematiza sua atuação no ON. Diante do exemplo (49), vemos, por exemplo, que não se pode afirmar que apenas antecedentes [-específicos] ocorrem com o ON, pois exemplos [-animados, +específicos] também parecem igualmente possíveis:

(49) Eu não comi *o chocolate* hoje, eu comi ___ ontem.

Assim, nos parece que uma explicação do ON em termos apenas desses traços de animacidade e especificidade não parece satisfatória.

Em relação à elipse de VP, a autora dedica uma seção à explicitação de suas características, afirmando textualmente que “é um processo que se confunde com o objeto nulo, visto que o verbo é deixado sem seu complemento, sem restrição lexical” (CYRINO, 1997, p.61). Essa dificuldade apontada pela autora de diferenciar o ON da elipse de VP traduz a falta de sistematização dos dois processos na literatura do PB, que é exatamente uma das questões com que esta dissertação pretende contribuir.

Como exemplo da ambiguidade entre ON e elipse de VP, naquele tipo de construção que citamos anteriormente, Cyrino apresenta (50):

(50) João viu sua mãe e Pedro também viu ___. (CYRINO, 1997, p.61)

Para explicar que esse exemplo representa uma elipse de VP e não ON, a autora se baseia, entre outros, na identidade verbal, conforme as definições de Matos (1992), trabalho que apresentaremos mais à frente.

As semelhanças entre o ON e a elipse de VP no trabalho de Cyrino (1997) prosseguem na explicação do ON feita pela autora. A grande inovação desse seu trabalho reside no fato de explicar o ON em termos de reconstrução, um processo descrito por

Fiengo e May (1994) para explicar a elipse²³. Elipse de VP e ON, portanto, são explicados da mesma maneira. A autora ainda nota que ambos são resultado do alçamento do verbo a INFL e compartilham a característica de ambiguidade de leituras (estrita e imprecisa)²⁴ para justificar a explicação unificada.

Reconstrução, de acordo com Fiengo e May (1994) é, sob uma condição de identidade sintática, uma cópia de uma estrutura, no caso, o antecedente do ON, no nível de FL, sem reflexos em FF. É o mesmo processo por que passaria o pronome *it* em (51), cuja interpretação corresponde à reconstrução do DP *his paycheck*, que não se moveu para fora do VP. Para Cyrino, esse processo se aplicaria apenas aos ONs com antecedente [-animado]:

(51) a. John gives his paycheck to his wife, and Peter gives *it* to his mistress.

'João dá seu pagamento para a sua esposa, e Peter dá para a sua amante'.

b. [IP John [VP gives [DP his paycheck] to his wife]]

and

[IP Peter [VP gives [DP *his paycheck*] to his mistress]]

(CYRINO, 1997, p.104)

Tal proposta não contemplaria, portanto, os casos de ONs [+animados, -específicos], reconhecidos pela própria autora. A autora também não se pronuncia em relação à não exigência de identidade verbal para o ON, defendida por ela em Cyrino (2000), não ficando claro se a identidade sintática necessária para a elipse no processo de reconstrução compreenderia ou não essa identidade verbal. Essa última questão ficará mais clara em trabalho posterior da autora (CYRINO, 2000a), o qual apresentaremos mais adiante. Por enquanto, já podemos apontar que, podendo aparecer no ON, a identidade verbal não é um bom parâmetro para distinguir o ON da elipse de VP.

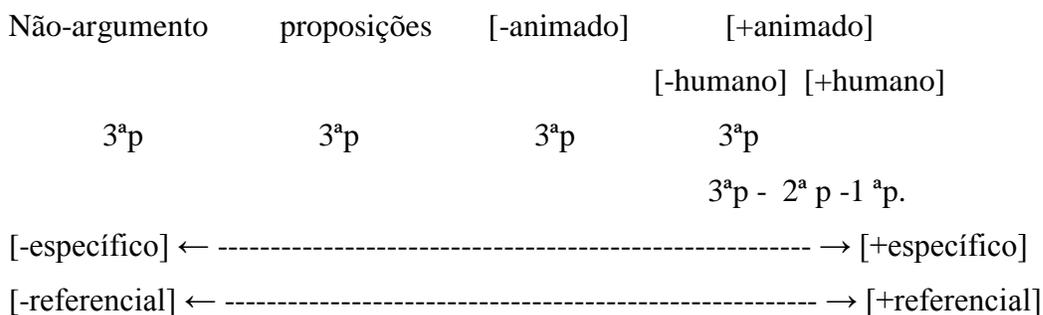
²³ Goldberg (2005) apresenta os dois processos mais comuns de explicação da elipse: *LF Copying* e *PF deletion*, optando por esta última. A reconstrução proposta por Fiengo e May (1994) seria um tipo da primeira.

²⁴ Essas duas características serão trabalhadas mais à frente.

3.2.2.9 Cyrino, Duarte e Kato (2000)

Em Cyrino, Duarte e Kato (2000), as autoras propõem uma *Hierarquia da Referencialidade* para dar conta do apagamento dos argumentos (sujeito e objeto) em várias línguas. Nessa hierarquia, a referencialidade dos argumentos é determinada baseando-se apenas em seus traços de animacidade e especificidade:

(52) HIERARQUIA DE REFERENCIALIDADE



Assim, argumentos com o traço [+animado] estariam na posição mais alta da hierarquia, tendendo a serem preenchidos por serem bastante referenciais. Isso explicaria o fato de os pronomes de 1^a e 2^a pessoa sempre ocorrerem preenchidos. Não-argumentos estariam na posição mais baixa. Os traços [± específico] interagiriam com todos os outros traços no sentido de que, quanto mais específico, maior a probabilidade de preenchimento. Portanto, uma língua que tem a opção interna de variantes plenas ou nulas operaria o preenchimento influenciada pelo estatuto referencial do antecedente que, por sua vez, é definido considerando-se os traços de animacidade e especificidade.

Essa proposta nos parece mais interessante, pois capta as ocorrências de ON com a combinação desses traços, explicando, por exemplos, ONs [-animados, +específicos] pela atuação da especificidade. No entanto, os problemas quanto ao tratamento do apagamento do objeto em termos apenas desses dois traços, os únicos relevantes para essa hierarquia, permanecem, pois, como vimos, há ocorrências de ON [+animado, +específico]. Essa noção da hierarquia nos será útil, contudo, embora em outros termos, para uma análise do fenômeno no PB, que apresentaremos mais à frente.

3.2.2.10 Cyrino (2000)

Em Cyrino (2000), a autora torna a tratar das características do ON. Fazendo uma breve retrospectiva dos trabalhos variacionistas e gerativistas sobre o fenômeno no PB, a autora reforça o papel dos traços [-animado] e [-específico] no licenciamento do ON. Ela também ratifica o trabalho de 1997 e a reconstrução por que passaria o ON, afirmando que a construção, por surgir a partir de estruturas de elipse sentencial, seria um tipo de elipse, diferenciando-se da elipse de VP apenas pela não obrigatoriedade da identidade verbal, seguindo Matos (1992).

Para os casos de antecedente [+animado], Cyrino afirma que ou aparecerá o pronome lexical ou uma estrutura de elipse de VP: “quando ocorre um objeto nulo com antecedente [+animado] a tendência é que ele esteja dentro de uma estrutura de elipse de VP” (CYRINO, 2000, p.5).

Nesse sentido, podemos afirmar que haveria uma proposta de distinção das duas construções por parte da autora baseada na inanimacidade do ON e na não obrigatoriedade de identidade verbal nessa construção. Vimos, contudo, a possibilidade de ON [+animado, +específico] e apontamos insuficiência da distinção em termos apenas da identidade verbal, pois o ON pode apresentá-la também.

Ainda nesse trabalho, Cyrino analisa dados do projeto NURC, a fim de confirmar suas previsões em relação às características do ON no PB. De fato, a maioria das ocorrências de ON continha o traço [-animado] (84,8%). Entretanto, de um total de 112 ocorrências, 17 continham antecedente [+animado], o que não nos parece irrelevante.

A autora conclui o trabalho afirmando que “o objeto nulo do português é preferencialmente [-animado]” (p.11). Tratando-se apenas de uma “preferência”, julgamos que esse traço não poderia ser usado sozinho na caracterização do ON.

3.2.2.11 Cyrino (2003)

Cyrino (2003) volta a propor uma análise para o ON do PB em termos de reconstrução sintática combinada aos traços semânticos do antecedente, dessa vez propondo uma terceira causa para o ON: a operação do princípio *Evite Pronome*.

Tentando identificar a razão do aumento das ocorrências de ON no PB ao longo dos últimos séculos, ela concluiu não se tratar da perda dos clíticos, como havia defendido em Cyrino (1993), pois nem todos os clíticos caíram, mas de fenômenos independentes relacionados por uma causa em comum: o princípio *Evite Pronome* agindo na posição de objeto, embora não na de sujeito²⁵.

Esse princípio, proposto por Chomsky (1982b, p.65), determina que a pronúncia só deve ser legitimada, havendo a opção de pronome nulo na língua, quando ela for necessária para a interpretação:

(The principle) might be regarded as a subcase of conversational principle of not saying more than is required, or might be related to a principle of deletion up-to-recoverability, but there is some reason to believe that it functions as a principle of grammar²⁶.

Dentro desse princípio, a reconstrução seria uma possibilidade das línguas de não repetirem o que já foi dito. Na proposta da autora, uma vez reconstruído o objeto em FL, a mente já o interpretaria, tornando sua pronúncia dispensável. Assim, o ON ocorreria, para a autora, por haver uma opção pelo silêncio em detrimento do pronome, para não haver redundância no discurso²⁷, quando ele fosse [-animado, -específico], com o traço de animacidade se sobrepondo ao da especificidade.

Com a reconstrução, seriam satisfeitas a condição de identificação, por meio da identidade sintática, e a de recuperabilidade²⁸, pela presença de uma categoria funcional relacionada a INFL, para onde o verbo se moveria, licenciando a estrutura alvo da elipse. Ou seja, a identidade sintática permitiria a reconstrução e, por sua vez, a presença de categoria funcional licenciadora com o verbo inserido, via c-comando, permitiria a recuperação do conteúdo.

²⁵ Sua explicação para isso é que o princípio *Evite Pronome* já operou no sujeito também, mas o empobrecimento da morfologia verbal por que teria passado o PB, com consequente necessidade de preenchimento do sujeito, hipótese não confirmada (cf. MODESTO, 2000 e NEGRÃO, 1999, *apud* LOBATO, 2003, p.63), teria derrubado a atuação desse princípio nesses constituintes.

²⁶ Tradução minha: (O princípio) pode ser considerado como um subcaso do princípio conversacional de não dizer mais do que é preciso, ou pode ser relacionado a um princípio de apagamento até a recuperação, mas há razões para acreditar que ele funciona como um princípio da gramática.

²⁷ Contudo, essa é uma proposta que não cabe na versão mais recente da Teoria Gerativa. Uma vez que, no modelo de gramática do Minimalismo, pronúncia e interpretação estão em níveis dissociados.

²⁸ Identificação e recuperabilidade são exigências do Princípio das Categorias Vazias (CHOMSKY, 1986).

Nesse trabalho, a autora define o que seria essa identidade subjacente à reconstrução: o antecedente teria de possuir marcador sintagmático idêntico ao do ON e identidade de categoria gramatical e de relações de dominância dentro da categoria gramatical. Seria uma identidade nominal, e não verbal, portanto. Podemos dizer, então, que a elipse de VP, na visão da autora, se assemelha ao ON por este também ser uma elipse, de NP, mas se distingue quanto à natureza dos elementos elididos. No entanto, isso não é suficiente para classificar aquelas estruturas ambíguas que já mencionamos.

Cyrino ainda trata do movimento do verbo para uma categoria funcional relacionada a INFL, que, para a autora, ocorreria em posições diferentes no PB e no PE²⁹, marcando a diferenciação do ON nas duas línguas, e também seria um requerimento para a ocorrência do ON.

Assim, para ocorrer ON, seria necessário, segundo esse trabalho de Cyrino, que ele portasse o traço [-animado] e que houvesse deslocamento do verbo para uma posição mais alta na estrutura para permitir a reconstrução que, por sua vez, se relacionaria com o princípio *Evite Pronome*.

Dessa forma, Cyrino combina várias causas para o licenciamento do ON: estrutura sintática (reconstrução e categoria funcional com o verbo inserido), traços semânticos do antecedente (apenas com antecedentes [-animados]) e a operação de um princípio, que valeria para o objeto, mas não para o sujeito.

Lobato (2003), comentando esse trabalho de Cyrino, questiona o levantamento dessas inúmeras causas para dar conta do ON, sem que haja uma clara relação entre elas. Além disso, a autora enfatiza a questão sintática do licenciamento, julgando que, dentro de uma teoria em que a sintaxe tem preponderância sobre a semântica, se deveria dar mais importância à atuação dos núcleos funcionais no processamento do ON do que propriamente aos traços semânticos que ele manifesta. Concordamos com Lobato quanto à priorização de se identificar os núcleos funcionais atuantes no licenciamento do ON, mas trataremos pouco dessa questão neste trabalho, lhe dedicando mais tempo em um trabalho futuro.

²⁹ Em trabalho posterior, que apresentaremos no próximo capítulo, Cyrino (2006) define essas categorias funcionais como sendo Asp⁰ para o PB e T⁰ para o PE.

Por ora, o que nos parece do trabalho de Cyrino (2003) é que, pelo fato de a abordagem tradicional em termos apenas da animacidade (e especificidade) não dar conta do ON do PB, outras causas desconexas dos traços semânticos foram buscadas para abarcar melhor o fenômeno. Nossa sugestão para o assunto nesse momento é que, além da busca dos núcleos funcionais relevantes, se faça também uma revisão desses traços e que estes sejam postulados seguindo uma hierarquia (cf. capítulo 5).

3.3 Síntese do Capítulo

Pretendemos, neste capítulo, apresentar um pouco da literatura do ON no PB, a fim de destacar a recorrência do traço de animacidade como preponderante para a sua ocorrência. Foi também foco do capítulo introduzir a falta de uma distinção apropriada entre o ON e a elipse de VP no PB, o que, ao nosso ver, constitui uma questão a ser resolvida, já que a diferença entre as duas construções é marcada gramaticalmente em algumas línguas e também há línguas que manifestam apenas uma delas.

No próximo capítulo, avançaremos nessa última questão, apresentando alguns trabalhos que se preocuparam com a distinção entre ON e elipse de VP no PB.

CAPÍTULO 4

OBJETO NULO X ELIPSE DE VP

4.1 Introdução

Em busca do estabelecimento de uma distinção clara entre o ON e a elipse de VP no PB, apresentaremos, neste capítulo, alguns dos trabalhos que se preocuparam com a diferenciação dessas duas estruturas, demonstrando que ainda há questões em aberto sobre esse assunto.

4.2 Elipse de VP x ON

4.2.1 Matos (1992)

Um dos primeiros trabalhos enfocando a elipse de VP no português, no caso, o europeu, é o de Matos (1992). A autora assume que há a construção na língua, pois encontra exemplos em que, após o alicamento do verbo a INFL, todo o resto do VP é elidido:

(53) O João tinha *lido esses livros ao filho*, e a Maria também tinha ___.

(MATOS,1992, p. 142)

No exemplo acima, notamos a ocorrência do advérbio *também* assegurando que o VP elidido tenha a mesma denotação que o VP da oração antecedente. A presença desse advérbio é um dos requerimentos apontados pela autora como necessários para a ocorrência da elipse de VP. Assim, quando não há um advérbio de denotação predicativa (cf. 54c), como *também*, *também não*, *sim*, *não*, que garanta a relação de denotação idêntica à da oração anterior, a sentença ficaria agramatical:

(54) a. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa *também* tinha ___.

- b. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista, e/mas a Teresa *não* tinha ____.
- c. *A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e/mas a Teresa tinha ____.

(MATOS,1992, p. 108)

Entretanto, a própria autora observa que a presença desses advérbios nem sempre é possível na estrutura de elipse de VP, citando casos de orações subordinadas (cf. (55)) e estruturas de pergunta-resposta (cf. (56)):

(55) O João não come *chocolate depois de lavar os dentes*, mas tem um amigo que come [VP ____].

(56) P - A Maria tem visitado *os amigos ultimamente*?

R a. - Não, não tem [VP ____].

b. - Sim, tem [VP ____].

(MATOS, 1992, p.132)

Um outro requerimento para a elipse, segundo a autora, seria o de que o VP nulo deve ser legitimado por um verbo principal ou auxiliar com paralelismo estrutural entre a sequência antecedente e a da elipse, garantida pela identidade entre os verbos das duas orações:

(57) O João compreendeu *a situação* antes que todos os outros tivessem compreendido ____.

(58) *O João colocou *os livros na estante* e a Maria não pôs ____.

(MATOS, 1992, p. 148)

Mas essa exigência também não parece ser categórica. A própria autora pontua que esse requerimento não seria necessário para o chinês (cf. OTANI e WHITMAN, 1991) e

nem para subordinadas no português licenciadas por verbo auxiliar, embora não traga exemplos desse caso.

Cyrino (1997), analisando esse trabalho de Matos, afirma que esses requerimentos também valeriam para o PB, pelo fato de os exemplos (54c) e (58) também serem agramaticais nessa língua. Quanto ao exemplo em (58), aqui retomado como (59), Cyrino afirma que ele só seria gramatical sob uma estrutura de objeto nulo, como em (60), retomando apenas o objeto *os livros*, confirmando que também no PB seriam necessários verbos iguais para haver elipse de VP, embora não para o ON:

(59) *O João colocou *os livros na estante* e a Maria não pôs ____.

(60) O João colocou os livros na estante e a Maria não pôs ____ na estante. (Ela pôs no armário).

(CYRINO, 1997, p.137)

Entretanto, a agramaticalidade de (59) no PB nos parece questionável mesmo com a elipse de VP, ou seja, com a elipse recuperando tanto o objeto direto *os livros* quanto o locativo *na estante*. Talvez, com a inclusão no exemplo do advérbio *também*, seguindo um dos requerimentos da elipse de VP apresentado no trabalho de Matos (1992), notamos mais facilmente que essa construção de elipse de VP é aceitável, mesmo sem identidade verbal:

(61) O João colocou *seus livros na estante* e a Maria também pôs ____.

Assim, apenas esse argumento da identidade verbal não nos parece suficiente para distinguir as duas construções, pois o ON pode ou não apresentá-la e, aparentemente, a elipse de VP também.

Retornando para Matos (1992), a autora pontuou, ainda, que sentenças com apenas um argumento nulo interno ao VP imporiam dificuldades quanto à distinção entre ON e elipse de VP. Assim, uma sentença como (62) seria ambígua entre as duas construções:

(62) P: - Quem arrumou a cozinha?

R: - Eu arrumei ____.

Nessa sentença, há apenas o argumento interno *a cozinha* elidido. Nesse caso, não podemos afirmar se se trata de elipse de VP, caracterizada como o apagamento de todos os elementos do VP, ou de ON, que teria apenas o objeto direto apagado. Teríamos, portanto, um caso de ambiguidade entre ON e elipse de VP.

Reconhecendo esse problema, Matos (1992) sugere alguns passos para distinguir as duas construções, sendo o primeiro deles certificar-se se é apenas o objeto que está elidido, como em (63), o que configuraria o ON, ou se são nulos todos os argumentos e adjuntos do VP (64):

(63) Eu comprei *o bolo* ontem à noite, mas só comi ___ hoje.

(64) Eu não limpei *a cozinha com água sanitária* ontem, a Maria que deve ter limpado ___.

Continuando com as diferenças entre ON e elipse de VP, Matos afirma que o ON poderia ter seu conteúdo referencial fixado pragmaticamente, por um fragmento do discurso prévio ou pelo contexto situacional, como já mostramos na primeira seção deste trabalho (cf. (1a) e (1b)), diferentemente da elipse de VP, que deveria ter um antecedente expresso linguisticamente. Assim, num contexto em que a referência está na situação, a elipse de VP não seria possível.

Cyrino (1997) exemplifica essa situação, trazendo um contexto em que o ON seria possível com referência na situação (65a), mas não a elipse (65b). O contexto é o de alguém procurando chaves em uma gaveta, quando chega outra pessoa e, percebendo a situação, diz:

(65) a. A Maria pôs ___ [~~as chaves~~] na primeira prateleira da estante.

b. *A Maria também procurou ___ [as chaves] [na estante].

(CYRINO, 1997, p.53)

Para ela, seguindo a hipótese de Matos de que a elipse de VP tem de ter a referência expressa linguisticamente, a sentença (65b) não poderia ser empregada. Entretanto,

podemos imaginar uma situação em que há dois irmãos e apenas um PSP³⁰, e o dono do videogame o empresta para o irmão jogar apenas uma partida, ao final da qual, poderia dizer:

(66) Devolve __ [~~o PSP~~] [~~para mim~~].

Nesse exemplo, de elipse de VP pelo fato de todos os elementos do VP estarem apagados, a referência da elipse estaria na situação. Assim, também não seria possível diferenciar as duas construções baseando-se nessa característica. Uma última diferença entre elipse de VP e objeto nulo apontada por Matos (1992) seria o fato de o ON se sujeitar à subjacência³¹ e a elipse de VP, não. Concordando com a autora, Cyrino (1997) novamente exemplifica a questão, trazendo uma construção de ON sujeita à subjacência (67), a partir de um contexto em que há bolos sobre uma mesa, e uma de elipse de VP, não sujeita à subjacência (68):

(67) O rapaz que trouxe __ da pastelaria era teu afilhado.

(68) O Luis comprou *pastéis de nata em Belém hoje*, e a Maria tem uma amiga que também comprou __.

(CYRINO, 1998, p.54)

O exemplo abaixo, contudo, nos mostra um ON do PB separado da oração antecedente por uma ilha sintática, ou seja, não sujeito à subjacência:

(69) O João descascou *a laranja pra mim* e guardou na geladeira antes de sair para o trabalho, mas eu ainda não comi __.

Novamente, teríamos uma característica insuficiente para diferenciar as duas construções. Visto que Matos se propunha a analisar a elipse e o ON do PE, embora suas

³⁰ Espécie de videogame individual portátil (*Play-Station Personal*).

³¹ Esse princípio, segundo Chomsky (1973) determina que um constituinte não pode se mover por mais de dois nódulos limítrofes.

hipóteses tenham sido adotadas por Cyrino para o PB, procederemos à apresentação de trabalhos específicos para o PB, a fim de buscar mais recursos para se proceder à diferenciação do ON em relação à elipse de VP nessa língua.

4.2.2 Cyrino (2000b)

Cyrino (2000b) publica um trabalho em que trata da ocorrência dos elementos nulos pós-verbais no PB, descrevendo e quantificando, em dados do Projeto NURC, o ON, o objeto indireto nulo (OIN) e a elipse de VP. O que vai nos interessar deste trabalho é a maneira com que a autora distingue as três construções:

- (70) a. João viu *a Maria* e Pedro também viu ____.
b. João comprou *o casaco* mas não usou ____.
c. Maria deu *o casaco* para o mendigo e João deu o brinquedo ____.

(CYRINO, 2000b, p. 596)

Para a autora, em (70a) haveria elipse de VP, explicada pelo fato de o mesmo verbo ser utilizado nas duas orações, em (70b), ON, pelo fato de o objeto direto estar apagado e em (70c), OIN, estando o objeto indireto apagado.

Além de a sentença exemplificada como de elipse de VP (70a) possuir apenas um argumento, configurando aqueles casos em que há ambiguidade com o ON, ainda que fosse elipse de VP, ela não poderia ser explicada apenas em função da identidade verbal, pois, como vimos no exemplo (61), aparentemente, seria possível a elipse de VP ocorrer com verbos diferentes. Além disso, o ON não possui a obrigatoriedade da identidade verbal, mas também pode aparecer dessa forma, como um exemplo do trabalho da própria Cyrino, juntamente com Matos (2002), retrata:

- (71) Ela trouxe *o computador* para a Universidade e ele trouxe ____ para o escritório.

(CYRINO & MATOS, 2002, p.5)

A identidade verbal sozinha, portanto, não poderia ser empregada para diferenciar a elipse de VP em relação ao ON.

4.2.3 Cyrino e Matos (2002)

Neste trabalho, Cyrino e Matos (2002) buscam mostrar as diferenças de licenciamento e identificação da elipse de VP existentes entre o PE e o PB, chegando à conclusão de que os núcleos funcionais envolvidos nas duas línguas para o licenciamento da elipse são diversos, o que ocasionaria as diferenças entre as duas línguas.

Chamaremos atenção apenas para a descrição da elipse de VP, exemplificada pelo exemplo abaixo (72). As autoras novamente pressupõem que as duas línguas apresentam movimento generalizado do verbo para INFL, para licenciar a elipse, em que uma cópia é deixada dentro do VP para ser apagada. A elipse de VP, em relação ao ON, surgiria quando todos os complementos verbais (e adjuntos) fossem nulos:

(72) A Ana não leva o *computador para as aulas*, porque os amigos também não levam
—.
(CYRINO E MATOS, 2002, p.4)

As autoras logo levantam a questão da ambiguidade entre a elipse de VP e o ON nas duas línguas, suscitada em construções em que há apenas um argumento interno, que é apagado:

(73) O João leu *esse livro* e a Ana também leu —.
(CYRINO E MATOS, 2002, p.5)

Novamente, pelo fato de o objeto direto *esse livro* ser o único argumento apagado, não se pode afirmar com certeza que (73) contém ON ou elipse de VP. A fim de diferenciar as duas construções, as autoras elencam algumas características que seriam típicas de cada uma. A primeira delas seria a diferenciação clássica quanto aos elementos apagados: enquanto no ON apenas o objeto direto é elidido, na elipse, são apagados todos os complementos verbais e adjuntos. Assim, enquanto (73) é um exemplo ambíguo nesse sentido, o exemplo em (74) é, para as autoras, claramente interpretado como objeto nulo:

(74) Ela trouxe *o computador* para a Universidade e ele trouxe ___ para o escritório.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.5)

Embora os verbos do exemplo acima, com ON, sejam iguais, as autoras afirmam que a identidade verbal é característica da elipse de VP. Esse requerimento teria de ser observado tanto para a elipse de verbos principais (75) quanto para a elipse de verbos auxiliares³² (76). Na construção de ON, as autoras afirmam que a identidade também é possível, mas não seria obrigatória (ver (77)), reconhecendo, portanto, que a distinção entre as duas construções já não poderia ser feita apenas com base nessa característica:

(75) a. Quando a Ana pôs *os óculos na mesa*, a Maria também pôs ___.

b. *Quando a Ana colocou os óculos na mesa, a Maria também pôs³³ ___.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.6)

(76) a. Ontem ele não tinha ainda *lido esse artigo*, mas hoje, quando telefonei, já tinha ___.

b. *Ontem ele não tinha ainda *lido esse artigo*, mas hoje vai ___.³⁴

c. *Ele vai *ler o jornal agora*, porque quando lhe telefonei ainda não tinha ___.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.5)

(77) a. Ela tirou *o anel* do dedo e guardou ___ no cofre.

b. Olhou para a fotografia daquele homem. Reconheceu ___ imediatamente: era o João³⁵.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.6)

Interessante notar que (77b) é um exemplo de ON com antecedente [+animado, +específico]. Não tendo elencado a animacidade como fator relevante para a distinção entre ON e elipse de VP nesse trabalho, esse fato passou despercebido pelas autoras.

³² Explicaremos essa construção no próximo capítulo.

³³ Novamente, julgamos esse exemplo de elipse, sem identidade verbal, gramatical.

³⁴ Também julgamos esse exemplo como sendo gramatical, sobretudo quando se marca o sujeito na oração-alvo: Ontem ele não tinha ainda lido esse artigo, mas hoje ele vai.

³⁵ Exemplo de ON com antecedente [+animado, + específico] despercebido pelas autoras.

Outra diferença apontada por elas seria que o objeto nulo pode alternar com um pronome manifesto (78), o que não seria permitido para a elipse de VP (79):

(78) a. Ela tirou *o anel* do dedo e guardou-*o* no cofre.

b. Olhou para a fotografia daquele homem. Reconheceu-o imediatamente: era o João.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.6)

(79) a. Nenhum de nós tinha votado nesse candidato nem admitíamos que alguém (*o) tivesse.

b. A Ana pensa muito nos amigos, enquanto o Pedro não (*o) pensa.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.7)

Entretanto, temos dúvidas quanto à agramaticalidade de (79a). As próprias autoras apontam um caso em que a substituição por pronome pode ser feita na elipse, quando o VP elíptico é licenciado por um verbo principal que seleciona um único complemento nominal:

(80) O Pedro disse isso, mas a Maria não disse ___ / mas a Maria não o disse.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.6)

Diante do exposto, parecem ser necessários mais elementos, mais contundentes, para se estabelecer uma distinção definitiva entre ON e elipse de VP no PB.

4.2.4 Cyrino (2006)

Esse último trabalho enfoca a distinção do ON e da elipse de VP no PB dos mesmos fenômenos no PE, não deixando de destacar quais seriam as diferenças e semelhanças entre os dois tipos de construção.

Antes de passarmos a elas, gostaríamos de apresentar a conclusão da autora em relação à distinção entre as duas línguas, pois a parte atribuída ao PB se correlaciona com a análise que faremos para a língua no próximo capítulo.

Após atestar ambas as construções em cada língua, Cyrino postula que a diferença entre o PB e o PE residiria no núcleo funcional que as licencia. Para o PE, T⁰ foi apontado

como o responsável por licenciar tanto o objeto nulo como a elipse de VP, e para o PB, Asp⁰. Isso é relevante na medida em que assumiremos, no próximo capítulo, que aspecto imperfectivo é um dos traços atuantes no licenciamento do ON no PB.

De volta ao trabalho de Cyrino, com relação ao ON, a autora reforça seu *status* de [-animado], chegando a afirmar que é esse traço que permite o ON no PB. Tal afirmação é feita após a análise do trabalho de Bianchi e Figueiredo (1994), que haviam postulado uma classificação bipartida para o ON (*pro* ou variável) dependendo de sua animacidade. Para as autoras, objeto nulo com antecedente³⁶ inanimado seria *pro*, por poder ocorrer em ilhas (ver (81)), e objetos com antecedentes animados (elas consideravam essa possibilidade, portanto), por não poderem, seriam analisados como variáveis (82):

(81) O José_i conheceu a mulher que comprou _____k

- (82) a. *O José_i conheceu a mulher que beijou _____k
b. *Quem_k o José_i conheceu a mulher que beijou _____k?

(BIANCHI e FIGUEIREDO *apud* CYRINO, p.2)

Entretanto, quando Cyrino aplica o mesmo teste feito em (82), de contrastar a sentença com uma estrutura de ilha, ela percebe que, apesar do antecedente [-animado], ela também fica agramatical, razão pela qual não se poderia usar a estrutura de ilha como parâmetro para definir o ON:

(83) *O que_k o José_i conheceu a mulher que comprou _____k? (CYRINO, 2006, p.2)

Segundo Cyrino, portanto, o ON não se correlacionaria com a estrutura sintática em que está inserido, mas com o próprio traço [-animado]. Mais à frente, ela reconhece a possibilidade de ON com antecedente [+animado], mas apenas se ocorrer em uma estrutura de elipse de VP (como em (84b)) ou se tiver um antecedente [-específico] (como em (85)), como já havíamos visto, justificando esse último caso como resultado da atuação da

³⁶ Nesse trabalho, as autoras tratam indistintamente antecedentes expressos linguisticamente e antecedentes expressos no discurso.

Hierarquia da Referencialidade, a qual apresentamos no capítulo 3, em que baixa especificidade faria o argumento tender ao não-preenchimento:

(84) a. *O Pedro_i disse que a Maria_k beijou _____i

b. João disse que a Maria não beijou o Pedro_i na festa, mas [o Pedro_i disse que ela beijou _____i]

(FARRELL, 1990 *apud* CYRINO, 2006, p.5)

(85) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria [o menor infrator]_i, não é ela o único responsável, o único elo que cria _____i, e como tal ela não consegue recuperar _____i.

(DUARTE, *apud* CYRINO, 2006, p. 5)

Retornando ao estatuto teórico do ON, Cyrino afirma, mais uma vez, que ele é resultado de elipse em FF e reconstrução em FL, ou seja, nas palavras da autora, “o mesmo processo de elipse de VP” (p.10) e não *pro*. Isso seria sustentado sintaticamente pelo fato de o ON do PB suscitar a mesma ambiguidade de leituras (imprecisa e estrita) da elipse de VP³⁷, leituras que não existiriam quando o pronome anafórico, que ocuparia uma posição mais alta na Hierarquia de Referencialidade proposta, estivesse presente (cf. 87). O ON, assim, seria, para a autora, em vez de *pro*, elipse de NP:

(86) Ao dormir, João desliga a televisão, mas Maria liga ____.

(87) Ao dormir, João desliga a televisão, mas Maria a liga.

(CYRINO, 2006, p.6)

A ambiguidade de leituras típica da elipse surge em Ross (1967), o primeiro a observar que construções elípticas, como (88), exibiam duas leituras distintas, uma imprecisa (*sloppy*) (cf. (89)) e uma estrita (cf. (90)):

(88) John scratched his arm and so did Mary.

³⁷ Mas ver minha análise sobre essa questão do PB no capítulo seguinte.

(89) Mary scratched her arm (too).

(90) Mary scratched John's arm (too).

(ROSS, 1967, p.348)

Na leitura imprecisa, Mary arranharia o próprio braço e na estrita, o braço do John. Do mesmo modo, em (86), analisada por Cyrino como contendo ON, temos tanto a possibilidade de Maria ligar a televisão do João (leitura estrita) quanto a de Maria ligar a própria televisão (leitura imprecisa).

No exemplo com o clítico (87), a interpretação imprecisa, em que a Maria liga a própria televisão, desapareceria, ficando apenas a estrita, em que a Maria liga a televisão do João. Cyrino argumenta que, se o ON fosse *pro*, não seria possível explicar a diferença entre o pronome nulo e o pronome manifesto sem recorrer a estipulações que comprometeriam a própria formulação do *pro*, questão já discutida por Farrell (1989), como vimos.

No entanto, questionamos se o adjunto *ao dormir* em (86) também não estaria apagado na oração-alvo da elipse, configurando a elipse de VP em vez do ON. Um outro ponto a se considerar é que, embora seja verdade que o ON possa suscitar a ambiguidade de leituras, como faz a elipse de VP (cf. (71), aqui retomado como (91)), nem toda estrutura de ON a suscita (ver (92)):

(91) Ela trouxe *o computador* para a Universidade e ele trouxe __ para o escritório.

(CYRINO E MATOS, 2002, p.5)

(92) Maria comprou o *vestido* semana passada e a Joana comprou __ ontem.

Assim, o exemplo (92) suscita apenas a leitura estrita, pois o vestido comprado pela Joana, ainda que seja do mesmo modelo do da Maria, não pode ser o vestido desta, mas o seu próprio ou de outra pessoa que não seja a Maria. Por essas razões, o tratamento do ON em termos de elipse poderia ser questionado, assim como o uso da ambiguidade de leituras para diferenciar as duas construções, já que o ON não parece apresentar um padrão quanto a isso.

4.3 Síntese do Capítulo

Procuramos mostrar, neste capítulo, os trabalhos que se preocuparam em diferenciar o ON da elipse de VP. Contudo, vimos que, os elementos levantados para fazer a diferenciação são questionáveis.

Assim, não se pode distinguir a elipse de VP em relação ao ON pela necessidade da presença de advérbios, pois há construções de elipse sem a presença deles (cf. 55, 56); nem pela identidade entre os verbos para a elipse, pois o ON também pode aparecer em estruturas desse tipo (cf. 71), embora não seja uma obrigatoriedade, assim como a elipse supostamente pode aparecer sem identidade verbal (cf. 61); nem pela obrigatoriedade de antecedente exposto linguisticamente para a elipse, pois não parece necessário (cf. 66); nem pelo fato de o ON ter de se sujeitar ao Princípio de Subjacência, pois há evidências que indicam o contrário (cf. 69); nem pela alternância do ON com pronome manifesto, que seria impossível para a elipse, pois a agramaticalidade das construções de elipse retomadas por pronome pode ser questionada (79a, 80) e, por fim, nem pela ambiguidade de leituras típica da elipse, pois o ON também pode apresentá-la (cf. 86), se assemelhando à elipse nesses casos.

Outra semelhança entre as duas construções também foi citada, isto é, a necessidade de alçamento do verbo a uma categoria funcional que c-comande a elipse e o ON, postulada como sendo AspP no PB, para licenciá-las.

Desse modo, o estabelecimento da fronteira entre ON e elipse de VP, especialmente quando a estrutura conta com apenas um argumento interno ao VP sendo apagado, parece longe de estar resolvida, sendo necessários elementos mais contundentes para delimitá-la. Buscar novos elementos nesse sentido será o objetivo do próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

CONSTRUINDO UMA PROPOSTA PARA O PB

5.1 Introdução

Neste último capítulo, pretendemos, a partir do trabalho de Goldberg (2005) e da análise que ela faz para algumas línguas quanto à ambiguidade entre elipse de VP e o ON, apresentar uma proposta para a diferenciação das duas estruturas no PB a partir das características do ON, dando conta, portanto, das duas questões centrais desta dissertação.

Descreveremos a análise feita pela autora para o hebraico, que possuiria as duas construções distintas pelo traço de animacidade do ON, e para o japonês e coreano, línguas nas quais a autora não consegue atestar a elipse de VP, em virtude da estratégia bem estabelecida de argumentos nulos dessas línguas, que, além do ON, também permitem que outros elementos do VP elidam.

Tendo notado semelhanças entre o PB e essas duas línguas descritas pela autora quanto à estratégia de argumentos nulos e de elipse de VP, tentaremos, ainda, situá-lo entre as línguas descritas pela autora quanto a essas duas construções.

5.2 Elipse de VP x Objeto Nulo – a posição do PB

Apresentaremos, nesta subseção, um breve resumo do trabalho de Goldberg (2005), seguido da análise da autora para o hebraico e para o japonês e coreano. Ao final, delinaremos uma proposta de caracterização do ON no PB, relacionando-o às línguas previamente descritas.

5.2.1 O trabalho de Goldberg (2005)

Buscando diferenciar o objeto nulo da elipse de VP no PB, bem como testar o real papel dos traços semânticos comumente atribuídos ao ON, sobretudo o de animacidade,

procederemos à descrição do trabalho de Goldberg (2005), que trata da ambiguidade recorrente na literatura de várias línguas entre a elipse de VP e uma análise em termos de argumentos nulos elidindo independentemente³⁸, como é o caso dos ONs.

O foco do trabalho de Goldberg é a elipse de VP com verbo principal enclachado³⁹, chamada de *V-stranding VPE* pela autora, em que o verbo principal da oração-alvo fica “enclachado” (*stranded*), aparecendo manifesto na sintaxe, enquanto todo o resto do VP é elidido, como no exemplo abaixo, do Hebraico:

(93) P: Šalaxt etmol et ha-yeladim le-beit-ha-sefer?

Enviar[2⁴⁰ *Pas*⁴¹] *ontem AC*⁴² *as-crianças para-casa-o-livro*

‘Você mandou as crianças pra escola ontem?’

R: Šalaxti.

Mandar[1*Pas*]

‘Mandei ___’ [as crianças pra escola ontem]’. (GOLDBERG, 2005; p.2)

No PB, também há registros desse tipo de ocorrência (ver (94) abaixo), bem como da elipse de VP do tipo do inglês (95), em que, em vez do verbo principal, é o verbo auxiliar que fica enclachado, manifesto na sintaxe, enquanto todo o resto do VP é elidido (como em (96a)). O inglês não permitiria o enclache de verbos principais (96b):

(94) Ela *trouxe o computador para a Universidade* e ele também *trouxe*___.

(95) Ela *está* enviando **o livro para a editora**, e ele também *está* ___.

(CYRINO, 2006; p.11)

(96) a. Arthur [_{VP} brought a present to Hall] and Julia (~~[bring a present to Hall]~~) *did* too.

b. *Arthur [_{VP} brought a present to Hall] and Julia brought too; *will bring too.

(GOLDBERG, 2005; p.1)

³⁸ A autora opta por essa expressão, mais geral, que também abarcaria o objeto indireto nulo, além do ON.

³⁹ Minha tradução para ‘v-stranding VPE’. Também utilizarei, num primeiro momento, o termo “elipse de VP de verbos principais”, e mais tarde, apenas ‘elipse de VP’ para designar este tipo.

⁴⁰ Os números se referem às pessoas gramaticais.

⁴¹ Passado.

⁴² Acusativo.

Esse último tipo de elipse, chamado de *aux-stranding VPE* pela autora, é o que tem designado o processo de elipse de VP no geral na literatura, sendo tratado como a forma prototípica do fenômeno. Nesse sentido, ao eleger como foco a elipse de VP de verbos principais (*V-stranding VPE*), uma contribuição do trabalho de Goldberg é agregar dados desse tipo de elipse em várias línguas, trazendo-a para o debate da elipse de VP.

Embora a autora tenha trabalhado apenas com a elipse de VP no hebraico, swahili (e ndendeule) e irlandês, ela pontua que há ao menos 16 línguas com literatura apontando para a ocorrência de elipse de VP de verbos principais, sendo que o português europeu estaria entre elas e, “possivelmente o PB”. (cf. GOLDBERG, 2005, p.206)

Assim, uma das contribuições desta dissertação é investigar em qual “classe”⁴³ sugerida por Goldberg o PB se enquadraria quanto ao ON e elipse de VP e, ainda, tentar isolar a construção de ON por meio de traços semânticos para diferenciá-la da elipse de VP, a exemplo do que a autora faz em sua análise para o hebraico.

Além de trazer a elipse de VP com verbos principais para a discussão, também é objetivo da autora unificá-la com a elipse que ocorre no inglês, ambos formando uma classe natural maior, a partir da identidade de traços compartilhados por eles.

Esses traços compreenderiam i) a possibilidade de o VP nulo ocorrer em orações encaixadas; ii) a possibilidade de o constituinte nulo ocorrer em qualquer tipo de ilha sintática, estando fora da ilha a oração que contenha o antecedente e iii) a possibilidade de a oração-alvo da elipse ocorrer em apenas um dos conjuntos de uma estrutura coordenada, novamente com o antecedente fora dela. O exemplo (97), abaixo, do inglês, cuja contraparte é possível no PB (ver (98)), reúne na mesma construção os três traços:

(97) Corrine made it to Beauty’s early, and Ingrid thinks [_{CP1} (that) Naoko said [_{CP2} (that) Alan would [~~make it to Beauty’s early~~]]] too. (GOLDBERG, 2005, p.32)

⁴³ Goldberg não faz alusão a nenhuma tipologia nem é seu objetivo identificar classes a que as línguas pertenceriam quanto ao fenômeno de elipse de VP. Essa noção é minha, a partir das análises que ela faz das línguas: há as que possuem apenas elipse do inglês; as que possuem elipse de VP e ON, e as que só possuem ON.

(98) Maria foi ao Beauty's mais cedo e a Joana acha que a Paula disse que o Mário disse que iria __ também.

Outro traço comum aos dois tipos de elipse de VP seria o fato de o verbo principal ou o auxiliar, conforme o caso, carregar toda a flexão verbal, sendo, por isso, alçado a INFL. Disso, decorre, na análise de Goldberg, que línguas de alçamento de V teriam potencial de possuírem a elipse de VP (e também para apresentarem o ON, como vimos na literatura da construção no PB).

Neste ponto, convém lembrar que, no âmbito da Teoria da Regência e Ligação, surgiu a proposta de que o material elidido da elipse de VP, do *Sluicing*⁴⁴, e da elipse de NP deveriam ser regidos apropriadamente por um núcleo flexional com concordância morfológica manifesta para serem licenciados. Nesse sentido, a formulação de Lobeck (1995) de que “um pronome vazio não arbitrário deve ser estritamente regido por núcleo, e regido por um X^o marcado por Concordância Forte” (p. 20), é amplamente citada.

No Minimalismo, que, como já foi visto, enseja uma teoria mais parcimoniosa, enxuta, elegante, etc., o licenciamento da elipse de VP passa a ser entendido como feito apenas na presença de um núcleo local tempo-flexional, eliminada a noção da regência apropriada.

Como argumentos para essa necessidade na construção de elipse de VP, os exemplos abaixo mostram que a ausência desse núcleo funcional os tornaria agramaticais no inglês (99b):

- (99) a. The company asks the employees be finished with lunch by 2pm.
b. *The company recommends that they be [_{VP} ~~finished with lunch at 2pm~~] in order to be back on the job by 2:05.

(LOBECK, 1999 *apud* GOLDBERG, 2005, p.29)

⁴⁴ Apagamento de um complemento de IP para um núcleo interrogativo C⁰:
[_{CP}[_{IP-ANTEC} That squirrel just ate something]], but I don't know [_{CP} what/where/why [_{IP} ~~that squirrel just ate~~ (~~it~~)]]. (GOLDBERG, p. 29).

Nesse caso, Goldberg atribui a agramaticalidade ao fato de o verbo *to be* encaixado em INFL não carregar tempo ou concordância, causando a agramaticalidade dessa estrutura de elipse de VP.

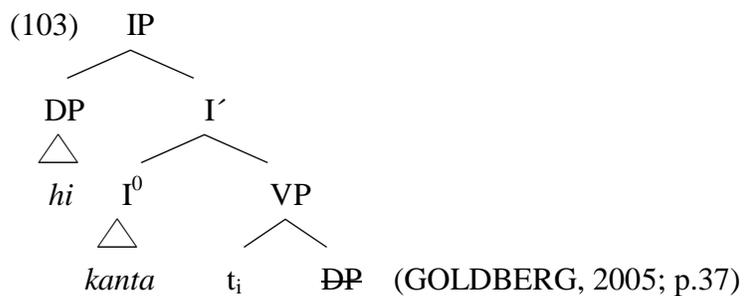
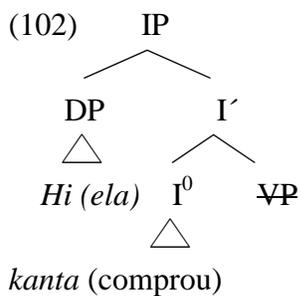
Uma última semelhança entre as duas elipses seria o fato de ambas permitirem ambiguidade de leituras (estrita e imprecisa). Como já vimos, esse fato, além de ocorrer na elipse de VP no PB, também se apresenta na estrutura de ON nessa língua. Essa questão será retomada mais à frente.

Após a constatação dessas características em uma dada língua, para se atestar a elipse de VP ainda seria necessário eliminar a possibilidade de outras construções anafóricas, como a de ON. A ambiguidade entre essas duas construções é recorrente na literatura de várias línguas⁴⁵, pelo fato de, constantemente, se exemplificar a elipse de VP com uma estrutura contendo apenas um argumento interno ao VP, que também poderia ser analisada como ON, e, nesse caso, seria entendida como o apagamento independente desse argumento, e não do VP inteiro. Tal ambiguidade se apresenta no exemplo do Hebraico abaixo (ver (100)), construído em uma estrutura de pergunta/resposta, cuja contraparte no PB também é possível:

(100) P: (Ha'ím) Tamar kanta kafe? (Tamar comprou café?)

R: Ken, hi kanta. (Sim, ela comprou). (GOLDBERG, 2005, p.36)

Assim, esse tipo de estrutura, em que a oração-alvo contém um objeto direto nulo como o único argumento, poderia ser tanto um exemplo gramatical de elipse de VP (102) como um exemplo lícito de um objeto direto elidido (ON), em uma estrutura em que o VP permanece intacto (103):



⁴⁵ No português, pudemos percebê-la no trabalho de Matos (1992).

Dessa maneira, dados como esse não podem, por si só, motivar uma afirmação em prol da elipse de VP ou da construção de objeto nulo em certa língua, o que já foi notado por vários autores, como Raposo (1986) para o PE. Apesar disso, Goldberg pontua que eles têm sido usados como evidências para ambos.

Nesse sentido, outra contribuição do trabalho da autora é a sugestão de meios de se distinguir a construção de objeto nulo da de elipse de VP. Para isso, ela propõe a utilização de dados adicionais da língua testada que tenham mais de um argumento interno ao VP. Se apenas o objeto direto elidir e um segundo argumento interno permanecer manifesto, então, a estrutura será a de objeto nulo. Se, por outro lado, todos os argumentos elidirem, fica constatada a elipse de VP.

Entretanto, uma construção não exclui a outra nas línguas. Uma língua pode apresentar as duas, e, nesse caso, tem-se que identificar as características próprias do objeto nulo (como restrições de animacidade no Hebraico ou obrigatoriedade de morfema de concordância com o objeto manifesta no verbo selecionador no swahili e ndendeule⁴⁶) e depois examinar se construções sem essas características podem ocorrer em uma estrutura de elipse de VP. Esse movimento ficará mais claro quando da descrição da análise feita para o Hebraico.

Outras línguas, pensando em uma tipologia de línguas para os dois fenômenos, possuiriam apenas a estratégia do objeto nulo, como a autora afirma ser o caso do japonês e coreano após proceder às etapas já descritas, apesar de haver literatura apontando para a existência de elipse de VP também nelas (cf. Otani e Whitman, 1991). Esse caso igualmente será tratado posteriormente.

O objetivo deste capítulo, então, é, além de estabelecer a posição do PB entre as línguas em relação às duas estruturas, analisá-las a fim de atestar cada uma delas e, nesse caso, tentar distingui-las adequadamente. Antes, porém, descreveremos a análise feita para o hebraico, que apresenta as duas estruturas e se assemelha ao PB na predição de seu ON ocorrer apenas quando o antecedente é inanimado, e aquela feita para o japonês e coreano, mostrando o que motivou a conclusão de a língua possuir apenas a estratégia de argumentos

⁴⁶ A análise para essas línguas não será descrita aqui, por se assemelhar à do hebraico, mas remeto o leitor a Goldberg (2005), a partir da p.54.

nulos (ON e outros, como o locativo e o PP benefactivo nulos) a fim de testar se esse seria o caso do PB.

5.2.2 A análise para o hebraico

O primeiro passo apontado por Goldberg para o diagnóstico da elipse de VP em uma dada língua é verificar se ela realiza o alçamento do verbo para INFL. Para o hebraico, isso restou atestado pelo fato de os advérbios de modo (ver (103) abaixo) e quantificadores flutuantes (ver (104)) obrigatoriamente seguirem o verbo principal, que carrega toda a flexão verbal, evidenciando na sintaxe aberta esse movimento:

(103) a. Dani patax be-´adinut et ha-delet. (Dani abriu suavemente a porta).

b. *Dani be-´adinut patax et há-delet. (Dani suavemente abriu a porta).

(SHLONSKY, 1997 *apud* GOLDBERG, 2005, p.43)

(104) a. Ha-yeladim katvu kulam mixtav. (As crianças escreveram todas uma carta).

b. Ha-yeladim yašnu kulam. (As crianças dormiram todas).

(SHLONSKY, 1997 *apud* GOLDBERG, 2005, p.43)

c. Ha-yeladim nišku šneyhem et Dina. (As crianças beijaram ambas a Dina).

(DORON, 1990, 1999 *apud* GOLDBERG, 2005, p.43)

Após essa constatação, a autora verifica que exemplos dessa língua, como (100), retomado aqui como (105), são ambíguos entre uma análise em termos de elipse de VP e uma análise de objeto nulo, uma vez que há um único argumento interno ao VP, podendo o VP inteiro estar elidido (elipse de VP) ou apenas esse argumento ter elidido independentemente (ON):

(105) P: (Ha´im) Tamar kanta kafe?

P Tamar comprou café

‘Tamar comprou café?’

R: Ken, hi kanta.

Sim, ela comprou

‘Sim, ela comprou __ [café]’.

(GOLDBERG, 2005, p. 36)

Esse é o tipo de ambiguidade recorrente entre ON e elipse de VP a que a autora se refere ao longo de todo o trabalho, como vimos, e que ela busca resolver. No hebraico, esse tipo de exemplo aparece na literatura como instanciando ambas as construções (cf. DORON, 1990,1999).

Da mesma forma, vimos na literatura do PB que também há confusão quanto à classificação desse tipo de estrutura (como em Cyrino (2000), citando Farrell (1989)). Nesse sentido, o trabalho de Goldberg será útil, pois, em seu objetivo de propor um diagnóstico para a construção de elipse de VP, acaba por elencar formas para distinguir as construções, pela determinação das características de uma e outra.

Uma das maneiras que ela apresenta para isolar a construção de objeto nulo seria analisar se outros constituintes internos ao VP, além do argumento interno, podem elidir independentemente dos demais. Os exemplos do hebraico mostram que argumento locativo (106), advérbio de modo (107) e PP benefactivo (108) não podem:

(106) Karmela natna et ha-sefer a-Xagit, a-Yosef zarak et ha-kadur.

Karmela deu AC o-livro para-Xagit e-Yosef lançou AC a-bola

‘Karmela deu o livro ao Xagit, e Yosef lançou a bola’.

*‘Karmela deu o livro à Xagit, e Yousef lançou a bola para ela’.

(107) Tamar avda be-xaricut, a-Avi katav.

Tamar trabalhou na-eficiência e-Avi escreveu.

‘Tamar trabalhou eficientemente, e Avi escreveu’.

*‘Tamar trabalhou eficientemente, e Avi escreveu eficientemente’.

(108) Kaniti matana bišvil Myriam, ve-Natan asaf peraxim.

Comprei presente para a Míriam e-Natan colheu flores.

‘(Eu) comprei um presente para a Míriam, e Natan colheu flores’.

*‘Eu comprei um presente para a Míriam e Natan colheu flores para ela’.

(GOLDBERG, 2005. P.45)

Nesses exemplos, o argumento nulo não pode ser ligado ao antecedente, razão pela qual não é possível a leitura de argumentos nulos. As sentenças são gramaticais apenas com a leitura disjunta. Os objetos diretos, em contrapartida, podem ser nulos independentemente dos outros argumentos. Isso é comprovado quando se acrescenta um segundo argumento, manifesto, interno ao VP em adição ao ON, mostrando que o objeto pode elidir sem que o outro argumento seja elidido:

- (109) Dani'el šalax me'ílim la-yeladim, ve-Šira natna la-mevugarim.
Daniel mandou casacos para as-crianças e-Shira deu para os-adultos
 'Daniel mandou casacos para as crianças, e Shira deu (~~casacos~~) para os adultos'.
 (GOLDBERG, 2005, p.46)

O argumento *mevugarim* (para os adultos), segundo a autora, só poderia ocorrer nulo se o objeto direto *me'ílim* também fosse, ou seja, se ocorresse elipse de VP, mas *me'ílim* na estrutura está elidido sozinho. Disso decorre que o Hebraico permite a elisão independente apenas do objeto nulo dentre os argumentos internos ao VP.

Após essa conclusão, a autora procura restrições para a ocorrência do ON, a fim de diferenciá-lo da construção de elipse de VP nos exemplos ambíguos da língua. Doron (1990) já havia observado que os objetos nulos do Hebraico, diferentemente da elipse de VP (retratadas nas primeiras respostas dos exemplos abaixo), sofreriam efeitos de localidade. Assim, eles não podem ocorrer em ilhas sintáticas (como o ON do PE), como relativas (em (110)) e estruturas coordenadas (em (111)):

- (110) P: saragt et ha-sveder ha-ze
 você-costurou AC o-suéter este
 'Você costurou este suéter?'
 R₁: lo, aval ha-baxura Se-sarga natna li oto be-matana
não, mas a- garota que-costura deu para-mim ele como-presente
 'Não, mas a garota que costurou __ deu ele para mim como presente'.
 R₂: *lo, aval ha-baxura Se-kanta natna li oto be-matana

não, mas a-garota que-comprou deu para-mim ele como-presente

‘Não, mas a garota que comprou __ deu ele para mim como presente’.

(DORON, 1990, p.10)

(111) P: natat kvar et ha-harca’ a ha-zot

você deu já AC a-palestra este

‘Você já deu esta palestra?’

R₁: lo, avar hamon zman a od lo natati

não, passar muito tempo e ainda não eu-dei

‘Não, se passou muito tempo e eu ainda não dei’

R₂: *lo, avar hamon zman a od lo hexanti

não, passar muito tempo e ainda não eu-preparei

‘Não, se passou muito tempo e eu não preparei’

(DORON, 1990, p.12)

Em (110) e (111) o contraste entre as estruturas de elipse de VP e ON é feito considerando que a identidade verbal seria pré-requisito para a elipse, mas não para o ON, assim como vimos para o PB. Desse modo, estruturas com identidade verbal (elipse de VP) não manifestariam efeitos de localidade e as sem identidade (ON), manifestariam.

Além disso, continua Doron (1990), a construção de ON também não apresentaria a leitura imprecisa típica da elipse, mas apenas a estrita:

(112) P: dina soreget et ha-svederim Se- hi loveSet

Dina costurar AC os-suéteres que ela veste

‘Dina costura os suéteres que ela veste?’

R₁: lo, aval ima Sela soreget

não, mas mãe seus costura

‘Não, mas sua mãe costura’.

R₂: lo, ima Sela kona (la)

não, mãe sua compra (para-ela)

‘Não, sua mãe compra (para ela)’.

(DORON, 1990, p.10)

Nesse último exemplo, a primeira resposta (elipse de VP) tem ambiguidade de leituras, no sentido de que a mãe de Dina pode costurar tanto os seus próprios suéteres (leitura imprecisa) quanto os de Dina (leitura estrita), e a segunda, a construção de objeto nulo, só manifesta a leitura estrita (a mãe de Dina compra para a Dina). Assim, a estrutura de ON no hebraico exibiria traços bem distintos da elipse de VP nessa língua. Na análise para o PB, porém, vimos que a ambiguidade de leituras é possível também no ON, o que poderia afastar o PB da classificação feita para o hebraico.

Voltando para análise do hebraico feita por Goldberg (2005), sua contribuição na distinção das duas construções nessa língua é a percepção de um fato bem típico da construção de ON do hebraico, que a levou a uma generalização até então inédita na literatura sobre a língua⁴⁷, a de que os objetos nulos em hebraico são possíveis apenas quando são inanimados. Os casos em que os objetos nulos são animados seriam fortemente agramaticais nessa construção, tendo sido testados em grande número de tipos de sentenças, como orações coordenadas, sintagmas verbais coordenados, pares de pergunta e resposta e sentenças adjacentes utilizadas pelo mesmo falante (exemplos (113)-(116) abaixo):

(113) *Šmu'el hošiv et ha-yeladot al ha-mita, ve-Dina hilbiša be-simlot.

Shmuel sentou AC as-meninas em a-cama e-Dina vestiu em-vestidos

‘Shmuel sentou as meninas na cama, e Dina vestiu __ (~~elas~~⁴⁸) com vestidos’.

(114) *Rina hisi'á et Gil ha-'ira ve-horida lê-yad há-baiyt

Rina levou AC Gil a-cidade e-deixou para-perto a-casa

‘Rina levou Gil para a cidade e deixou __ (~~ele~~) perto de sua casa.

(115) P: Eyfo ha-'iš še-'amad po lifney rega?

Onde o-homem que-esteve aqui antes momento

‘Onde está o homem que esteve aqui há pouco?’

⁴⁷ Isso porque, segundo a autora, trabalhos anteriores, como o de Doron (1999), não trabalharam com essa estratégia de distinguir as estruturas de ON das de elipse de VP.

⁴⁸ Estou optando pelo pronome lexical em vez do clítico nas traduções por facilitar a percepção do objeto direto, além de ser mais usual no PB.

R:*Myriam hovila la-misrad.

Myriam levou ao o-escritório

‘Míriam levou __(~~ele~~) ao escritório.

(116) *Hine ha-yeladot šeli. Šošana hisi´a lê-Tel-´Aviv etmol.

Aqui as-meninas de-mim Shoshana levou para-Tel-Aviv ontem

‘Aqui estão minhas filhas. Shoshana levou __ (~~elas~~) para Tel-Aviv ontem.

(GOLDBERG, 20005, p. 48)

Essa agramaticalidade, presente nos diversos tipos de construção acima, é prontamente denunciada quando testada entre falantes do hebraico, mesmo sem conhecimento do fenômeno em questão. Segundo a autora, quando perguntados sobre a razão da agramaticalidade, os falantes raramente se mostram cientes de ser a animacidade sua causa, mas sabem que as estruturas são fortemente agramaticais.

Trazendo esses exemplos para o PB, julgamos o equivalente a (115) e possivelmente o equivalente a (114) gramaticais nessa língua. Isso poderia indicar que a restrição de animacidade não seria tão determinante assim no PB. Retornaremos a essa questão no momento oportuno.

Voltando para a análise de Goldberg, a autora mostra que, em contrapartida, exemplos do hebraico com objetos nulos inanimados nos mesmos tipos de construção são gramaticais: orações coordenadas (117), sintagmas verbais coordenados (118), pares de pergunta-resposta (119 e 120) e sentenças adjacentes usadas pelo mesmo falante (121):

(117) Yosef masar et ha-yayin a-Miryam, a-Sara masra a-Yicxak.

Yosef entregou AC o-vinho à-Miryam, and-Sara entregou ao-Yitschak

‘Yosef entregou o vinho para a Míriam e Sara entregou __ ao Yitschak.’

(118) Sara raxca et kol ha-calaxot a-xilka la-‘orexim.

Sara lavou AC todos os-pratos e-distribuiu para.os-convidados.

‘Sara lavou todos os pratos e distribuiu __ para os convidados.’

(119) P: Ha-memšala sipka et ha-maxbarot la-‘universita?
o-governo forneceu AC os-notebooks para a-universidade?
 ‘O governo forneceu os notebooks para a universidade?’
 R: Lo, anaxnu konim me-ha-xanut.
não nós compramos de-a-loja.
 ‘Não, nós compramos __ da loja.’

(120) P: Efo ha-kacefet?
Onde o-chantili
 ‘Onde (está) o chantili?’
 R: He'evarti le-Mixa'el.
passsei para-Michael
 ‘(Eu) passei __ para o Michael’

(121) Ah, hine ha-šamenet. Ten li⁴⁹.
Ah aqui o-creme dê para.mim
 ‘Ah, aqui está o creme. Dá __ para mim.’

(GOLDBERG, 2005, p. 50)

Em relação à estrutura do antecedente, desde que inanimado, ele pode aparecer nos mais diversos tipos de DPs. Além de antecedentes no singular (117, 120 e 121) e no plural (118 e 119), femininos (118-121), masculinos (117), nomes contáveis (118 e 119) e massivos (117, 120 e 121), todos definidos, antecedentes indefinidos também são possíveis, como se pode ver no exemplo abaixo:

(122) Ana katfa te'enim ve-hevi'a le-xadar-'oxel.
Ana escolheu figos e-trouxe para-sala-comida
 ‘Ana escolheu figos e trouxe __ para a sala de jantar.’

(GOLDBERG, 2005, p.51)

⁴⁹ Este caso é o de ON dêitico e imperativo, o *exopro* demonstrado no capítulo.1.

O hebraico, portanto, tem uma estratégia de ON bem produtiva, possibilitando, inclusive que a referência do ON não seja o DP antecedente⁵⁰ (cf. (123) e (109), aqui retomado como (124)), casos em que também há a restrição de inanimacidade:

(123) Aviva hevi'a matana a-Moše, a-Miryam šalxa lo.

Aviva trouxe presente para-Moshe e-Míriam deu para.ele.

‘Aviva trouxe um presente para Moshe e Míriam deu (um) __ para ele.’

(124) Dani'el šalax me'ilim la-yeladim, a-Šira natna la-mevugarim.

Daniel mandou casacos para as-crianças e-Shira deu para os-adultos

‘Daniel mandou casacos para as crianças, e Shira deu __ (casacos) para os adultos’.

(GOLDBERG, 2005, p. 52)

Nesses exemplos, “presente” e “casacos” da oração-alvo são indefinidos, não se referindo ao presente de Moshe ou aos casacos das crianças. Essa construção difere das possibilidades de ON no PB, manifestadas em outros tipos de construções (cf. cap.1), mas não propriamente nessa.

Depois de estabelecida essa condição de inanimacidade, intrínseca ao ON, no hebraico, a autora passa a analisar exemplos de antecedentes animados com um segundo argumento, manifesto, interno ao VP (mantendo-se a estrutura de ON), para observar se a agramaticalidade permanece, a fim de atestar a restrição de animacidade para o ON. Reanalizando os exemplos (113)-(116), aqui repetidos como (125)-(128), isso se confirma:

(125) *Šmu'el hošiv et ha-yeladot al ha-mita, a-Dina hilbiša be-simlot.

Shmuel sentou AC as-meninas em a-cama e-Dina vestiu em-vestidos

‘Shmuel sentou as meninas na cama, e Dina vestiu __ (elas) com vestidos’.

(126) *Rina hisi'a et Gil ha-ira a-horida lê-yad há-baiyt

Rina levou AC Gil a-cidade e-deixou para-perto a-casa

‘Rina levou Gil para a cidade e deixou __ (ele) perto de sua casa.’

⁵⁰ Como nos exemplos (1b), (1c) e (2) do PB, classificados como tendo referência no contexto pragmático e leitura genérica.

(127) P: Eyfo ha-’iš še-’amad po lifney rega?
onde o-homem que-esteve aqui antes momento

‘Onde está o homem que esteve aqui há pouco?’

R: *Myriam hovila la-misrad.

Myriam levou ao o-escritório

‘Míriam levou __ (~~ele~~) ao escritório.’⁵¹

(128) *Hine ha-yeladot šeli. Šošana hisi’a lê-Tel-’Aviv etmol.
aqui as-meninas de-mim Shoshana levou para-Tel-Aviv ontem

‘Aqui estão minhas filhas. Shoshana levou (~~elas~~) para Tel-Aviv ontem.

(GOLDBERG, 2005, p. 48,49)

Considerando que a elipse de VP não possui restrições de animacidade, a autora lança mão de estruturas com antecedente animado e todos os argumentos do VP elididos, a fim de atestar a construção na língua, seu objetivo central com toda a análise. Mais uma vez, a previsão é confirmada:

(129) P: (Há-’im) Miryam hisi’a et Dvora la-makolet?

P Míriam levou AC Dvora para.a-mercearia

‘Míriam levou Dvora para a mercearia?’

R: Ken, hi hisi’a.

sim, ela levou[3Pass]

‘Sim, ela levou __ [~~Dvora para a mercearia~~].’

(GOLDBERG, 2005, p.53)

A conclusão é a de que o hebraico possui objeto nulo apenas no caso de antecedentes inanimados. Com objetos diretos animados, apenas a elipse poderia ser empregada, inclusive nos exemplos de ambiguidade, com apenas um argumento interno ao VP, excluindo-se a alternativa de ON nesses exemplos.

⁵¹ Novamente, julgamos o equivalente a esse exemplo gramatical em PB. Essa questão será retomada mais tarde, na análise para o PB.

Resumindo, para o hebraico, sendo o antecedente animado, o objeto direto não pode elidir independentemente, mas pode elidir numa estrutura de elipse de VP, juntamente com os demais elementos internos ao VP. Ou seja, nesses casos, a única estrutura possível é a elipse de VP, o que acaba por atestar a construção na língua. O objeto direto inanimado, por sua vez, quando for o único elemento interno ao VP, pode ser analisado como elidindo independentemente, numa estrutura de ON ou, sendo o único elemento interno ao VP, elidir, configurando a elipse de VP. Numa estrutura com outros argumentos manifestos, o ON seria a única possibilidade.

Essa análise nos parece útil ao PB, uma vez que a questão da inanimacidade do ON também é recorrente nessa língua como condição para a sua ocorrência. Recordemos que Cyrino (2000), trabalho apresentado no terceiro capítulo, chegou a essa mesma conclusão de Goldberg ao analisar um exemplo agramatical de Farrell (1989), justificando a agramaticalidade pela presença de antecedente animado, e justificou um outro exemplo daquele autor, gramatical com antecedente animado, como sendo estrutura de elipse de VP e não objeto nulo, evidenciando, portanto, a mesma ambiguidade descrita por Goldberg entre as construções no PB.

Mais à frente, procederemos à análise do PB seguindo os mesmos passos propostos por Goldberg a fim de elucidar um pouco mais essa questão. Antes, porém, apresentaremos a análise para o japonês e coreano.

5.2.2 A análise para o japonês e coreano

Em japonês e coreano, diferentemente do hebraico, as estratégias delineadas pela autora para o diagnóstico da construção de elipse de VP a conduziram à conclusão de que tal construção poderia ser excluída em favor de uma análise em termos de argumentos nulos. É o caso “contra a elipse de VP”, nas palavras da autora.

Os dados dessas línguas passíveis de serem analisados como elipse de VP não são bem explicados pela análise de argumentos nulos como são inadequadamente tratados sob uma análise de elipse de VP, segundo a autora. Isso significa que a aplicação do diagnóstico feito por ela trouxe resultados negativos para a existência da elipse de VP nessas línguas.

A primeira das razões para isso é que essas línguas apresentam uma estratégia de argumentos nulos bem estabelecida, elidindo independentemente elementos internos ao VP enquanto o resto do VP permanece manifesto. Os exemplos abaixo, do coreano (130) e do japonês (131), mostram construções de objeto nulo:

(130) P: Ne nay cemsin mek-ess-ni?

Você meu almoço comer-Passado

‘Você comeu meu almoço?’

R: Ung, mek-ess-e.

sim comer-Passado

‘Sim, comi’⁵².

(CHO, 2001 *apud* GOLDBERG, 2005, p.79)

(131) Ken-wa Erika-o saso-tta. Dan-mo saso-tta.

Ken-TOP Érica-AC convidar-Pass Dan-também convidar-Pass.

‘Ken convidou a Érica. Dan também convidou [~~Érica~~.]’

(TOMIOKA, 1998, *apud* GOLDBERG, 2005, p.79)

Diferentemente do hebraico, Goldberg acrescenta que qualquer tipo de objeto direto pode elidir no japonês e no coreano, sem que se consiga fazer uma restrição de animacidade ou do tipo de DP envolvido, por exemplo. Portanto, não seria possível se basear em características como essas para isolar a construção de ON nessas línguas.

Além do objeto direto, elementos não acusativos internos ao VP também podem elidir independentemente nessas línguas, mantendo-se os outros elementos internos ao VP manifestos. Abaixo, veem-se exemplos do japonês de apagamento apenas do locativo dentro do VP:

(132) P: Tamago-o suši-ni no-se-ta no?

Ovo-AC sushi-DAT mover-CAUS-Pass

‘Você colocou (literalmente: causou movimento) ovo no sushi?’

⁵² Interessante notar que Goldberg, conquanto trabalhe com a identidade verbal para a elipse de VP, apresenta exemplos do japonês e do coreano, analisados por ela como objetos/argumentos nulos, com tal identidade.

R: Iie, (demo) kyuuri-o no-se-ta yo.
não mas pepino-AC mover-CAUS-Passado Participípio
'Não, (mas) coloquei pepino __ [~~DP-dat no sushi~~]'.

(133) P: Hon-o teeburu-ni no-se-ta no?
livro-AC mesa-DAT mover-CAUS-Pass
'(Você) colocou (um) livro na mesa?'

R: Iie, (demo) tegami-o no-se-ta yo.
não mas carta-AC mover-CAUS-Pass Participípio
'Não, (mas) coloquei uma carta __ [~~DP-dat na mesa~~]'.

(GOLDBERG, 2005, P.79)

De fato, Goldberg afirma que quaisquer argumentos internos ao VP podem elidir independentemente nessas línguas. Assim, se, porventura, houver uma estrutura semelhante à de elipse de VP, com todos os argumentos do VP elididos, ela poderá ser analisada como uma estrutura em que esses argumentos elidiram independentemente, como o exemplo do japonês, abaixo, que possui dois argumentos internos ao VP nulos, podendo ser analisados como objeto nulo e locativo nulo:

(134) P: Tamago-o suši-ni no-se-ta no?
ovo-AC sushi-DAT mover-CAUS-Passado
'Você colocou ovo no sushi?'

R: Hiro-ga no-se-ta.
Hiro-NOM mover-CAUS-Passado
'Hiro colocou __ [~~DP-ac ovo~~] [~~DP-dat no sushi~~]'.

(GOLDBERG, 2005, p.81)

A ambiguidade entre as construções, portanto, permaneceria nos exemplos do japonês e do coreano passíveis de serem analisados como elipse de VP e a autora não encontra meios de distinguir as duas construções nessas línguas, não se deparando com uma só construção que só poderia ser analisada em termos de elipse de VP.

Ainda, Goldberg afirma que essas línguas não têm morfologia plena de concordância nos verbos, o que, aliado com a natureza de núcleo verbal final, com possibilidade de ocorrência em várias outras posições, dificulta a comprovação do alçamento do verbo a INFL, pré-requisito para a elipse de VP.

Um outro argumento contrário à existência dessa construção em japonês e coreano é o de que os advérbios de modo nessas línguas não podem elidir independentemente nem quando o resto do VP é nulo, devendo ser manifestos para serem interpretados:

(135) Bill-wa kuruma-o teineini arat-ta. John-wa arawa-nakat-ta.

Bill-TOP carro-AC cuidadosamente lavar-Pas. John-TOP lavar-não-Pas

‘Bill lavou o carro cuidadosamente. João não lavou __ [~~o carro~~].’

*‘João não lavou __ [~~o carro cuidadosamente~~].’

(136) Bill-wa gohan-o sizukani tabe-ta. John-wa tabe-nakat-ta.

Bill-TOP refeição-AC silenciosamente comer-Pas João-TOP comer-não-Pas

‘Bill comeu a refeição silenciosamente. João não comeu __ [~~a refeição~~].’

*‘João não comeu __ [~~a refeição silenciosamente~~].’

(OKU, 1998, *apud* GOLDBERG, 2005, p.90)

Essas línguas, no entanto, apresentam construções que dispõem a ambiguidade de leituras típica da elipse de VP (estrita e imprecisa), assim como o ON do PB, o que tem servido para alguns autores como evidência para essa construção (cf. Otani and Whitman, 1991). O exemplo (137), abaixo, é do japonês:

(137) John-ga zibunzisin-o suisens-ita. Bill-mo suisens-ita.

John-Nom si mesmo-AC recomenda-Pass Bill-também recomenda-Pass

‘John recomendou a si mesmo. Bill também recomendou’.

(HOJI, 1998, *apud* GOLDBERG, 2005)

Contudo, para Goldberg, esse fato não alteraria a classificação dessas línguas; ao contrário, reforçaria que elas possuem apenas a estratégia de argumentos nulos. Isso

porque, quanto à ambiguidade de leituras, a autora chega a duas conclusões, seguindo Hoji (1995,1998), Park (1997), Oku (1998), Tomioka (1998) e Kim (1999). A primeira delas é que a leitura imprecisa dessas línguas não se apresenta nos padrões de leitura imprecisa da elipse de VP do inglês nem da estrutura de elipse de VP de verbos principais, manifestando uma série de contrastes fundamentais em relação a elas.

Lembrando que o objetivo de Goldberg é unificar as construções de elipse de VP (de verbos auxiliares e principais), assumindo que elas exibiriam os mesmos traços, se considerarmos que essas construções do japonês e do coreano são de elipse de VP, elas deveriam demonstrar o mesmo padrão em relação à disponibilidade de leitura imprecisa que as construções de elipse, e isso não se verifica.

Os contrastes são, basicamente, os seguintes: i) há construções do japonês e do coreano que não disponibilizam a leitura imprecisa enquanto suas contrapartes em inglês (elipse de VP de verbos auxiliares) disponibilizam (cf. 138, do japonês); ii) há construções que permitem leitura imprecisa quando a contraparte do inglês não permite (cf. 139, do japonês); iii) há construções que não apresentam a leitura imprecisa em estruturas em que a elipse de VP de verbos principais é possível (cf. 140, do coreano) e iv) há construções que permitem a leitura imprecisa quando a estrutura de elipse de VP não é possível (cf. 141, do japonês):

(138) a. John-wa zibun(zisin)-o nagusame-ta.

João-TOP si mesmo-AC consolar-Pass.

'John_i consoled himself_i.' – João consolou a si mesmo.

b. Bill-mo *ec* nagusame-ta.

Bill-também consolar-Pass.

Estrita: 'Bill_j também consolou __ (o João_i).'

Imprecisa: *'Bill_j consolou (a si mesmo_j) também'.

No inglês: Estrita - John_i recommended himself_i, and Bill_j did_j too.

Imprecisa: _'...and Bill_j did __ (recommend himself_j) too.'

(HOJI, 1998 *apud* GOLDBERG, 2005, p.96)

(139) John-ga John-o suisens-ita. Bill-mo suisens-ita.

João-NOM João-AC recomendou-Pass Bill-também recomendar-Pass

‘João recomendou o João. O Bill também recomendou __ (~~o João~~ / ~~o Bill~~)

No inglês: Estrita _'Bill_j did (recommend John_i) too.'

Imprecisa: *'Bill_j did (recommend Bill_j) too.'

(HOJI, 1998 *apud* GOLDBERG, 2005, p.95)

- (140) a. John-un yetelp-si-ey caki-uy apaatu-lul ttena-ss-ta.
João-TOP 8-horas-em si mesmo-GEN apartamento-AC sair-Pass

'João_i saiu do seu_i apartamento às 8 horas.'

- b. Bill-un ahop-si-ey chengsohaki-sicakhay-ss-ta.

Bill-TOP 9-horas-em limpar-começart-Pass-IND

'Bill_j começou a limpar ___i às 9 horas'.

No PB⁵³: 'João_i saiu do seu_i apartamennto às 08 horas. Bill começou a limpar ___{i/j} às 09 horas.'

(KIM, 1999, *apud* GOLDBERG, 2005, p.106)

- (141) John-ga yatto zibun-no apaato-made tadoritsui-ta
João-NOM finalmente si mesmo-GEN apartamento-até chegar-Pass.
sonokoro, Bill-wa sudeni soozisi-hazime-tei-ta.
tempo Bill-TOP já limpar-começar-ser-Pass

No japonês: 'No momento em que João_i finalmente chegou ao seu apartamento, Bill_j já tinha começado a limpeza ___{i/j}⁵⁴

(OTANI & WHITMAN, 1991, *apud* GOLDBERG, 2005, p.105)

Uma segunda conclusão de Goldberg em relação à ambiguidade de leituras disparada por construções do japonês e do coreano, línguas classificadas por ela como possuindo apenas a estratégia de argumentos nulos em detrimento da de elipse de VP, é a de que seria possível derivar leitura imprecisa de outras construções além da elipse de VP,

⁵³ Estamos usando o PB considerando que é uma língua que permite a elipse de VP de verbos principais.

⁵⁴ Mas no PB, língua que estamos usando como exemplo de elipse de VP de verbos principais, a leitura imprecisa não é possível, confirmando o contraste proposto por Goldberg.

como de DPs nulos⁵⁵, como a autora julga ser o caso, mantendo-se a análise de argumentos nulos para as construções em questão.

As análises que confirmavam a elipse de VP para o japonês se basearam apenas na ambiguidade de leituras e não previram essa possibilidade. Com isso, Goldberg mostra que apenas esse argumento não é suficiente para sustentar a construção de elipse de VP nas línguas.

Assim, o japonês e o coreano pertenceriam a uma outra classe de línguas, diferente da do Hebraico, ao apresentar apenas a estratégia de argumentos nulos, barrando a de elipse de VP.

5.2.3 Uma análise para o PB

Procederemos, agora, à análise para o PB, a fim de verificarmos se a língua: (i) se comporta semelhantemente ao hebraico, apresentando construções de objeto nulo e de elipse de VP bem definidas e distintas, com os respectivos critérios de distinção; (ii) se se assemelha mais ao japonês e ao coreano, sendo difícil atestar a construção de elipse de VP e com uma estratégia de argumentos nulos bem estabelecida ou, ainda, (iii) se possuiria outras características que a distanciariam dessas duas classes⁵⁶, engendrando um terceiro padrão quanto a essas construções.

Utilizaremos, para tanto, os três passos utilizados por Goldberg para identificar a elipse de VP: (i) se há alçamento de V para INFL na língua; (ii) se a língua permite argumentos nulos elidirem independentemente dos demais argumentos do VP e (iii) se permitir, analisar as restrições e testar elipse de VP em exemplos que não apresentem as características atestadas para o ON.

⁵⁵ Cyrino (1997, 2006), como vimos já havia notado isso ao classificar o ON do PB como “elipse de DP”, sujeito ao mesmo processo de reconstrução típico da elipse.

⁵⁶ Lembrando que Goldberg (2005), em nenhum momento, se refere a um *continuum* quanto à questão da elipse de VP, sendo minha essa denotação a partir das análises feitas por ela.

5.2.3.1 Alçamento do verbo a INFL

Semelhantemente ao hebraico, o PB também apresenta estruturas em que um advérbio se interpõe entre o verbo e seu complemento (ver (142)), embora não seja a única possibilidade de ordem⁵⁷, o que evidenciaria movimento de verbo para INFL na sintaxe aberta (cf. Pollock, 1989).

(142) Os trabalhadores carregaram rapidamente o caminhão.

Além disso, os verbos finitos carregam todos os traços de flexão verbal, sendo, portanto, atraídos para INFL para checá-los na sintaxe aberta, já que, no minimalismo, traços fortes são checados por movimento manifesto.

Após essa constatação, o PB seria candidato a possuir a estratégia de elipse de VP, segundo Goldberg, mas também de objetos nulos, que também seriam resultado desse alçamento, como vimos em alguns trabalhos do PB (cf. CYRINO, 1997,2006).

5.2.3.2 Possibilidade de Outros Argumentos Nulos

Partindo para essas construções, o PB, conforme já mostramos, assim como o hebraico, também apresenta exemplos ambíguos entre as construções de elipse de VP e de objeto nulo, como já foi observado por alguns autores (cf. Matos, 1992). Isso acontece nos mesmos casos das outras línguas, ou seja, quando o objeto direto, sendo o único elemento interno ao VP, é elidido:

(143) A Maria pegou *o buquê* e não queria devolver__.

Nesse caso, é difícil saber se o VP inteiro está elidido ou se apenas o objeto direto *o buquê* é que elidiu independentemente. Para resolver essa questão, seguindo Goldberg

⁵⁷ Outras possibilidades seriam: os trabalhadores rapidamente carregaram o caminhão / os trabalhadores carregaram o caminhão rapidamente.

(2005), é necessário distinguir as duas construções a partir de restrições para o uso da estratégia do ON.

Mas o PB, desta vez semelhantemente ao japonês e coreano, também permite que outros argumentos além do objeto direto elidam independentemente, se afastando de outras línguas como o hebraico, que só elidiriam aquele elemento. Além do objeto direto, há casos em que o objeto indireto elide sozinho (OIN):

(144) P: Eu não gostei *dessa foto* não.

R: Eu gostei ___.

(145) P: Você recebeu uma carta do seu amigo?

R₁: Não, recebi um cartão ___. (OIN)

R₂: Não, recebi ___ da minha tia. (ON) (CYRINO, 1998, p.2)

Também um argumento locativo parece poder ser apagado independentemente no PB:

(146) O João colocou dinheiro *no cofre*. Eu só botei joias ___.⁵⁸

Atestadas essas possibilidades, seguindo com a proposta de Goldberg (2005), buscaremos restrições para essas estratégias de argumentos nulos, a fim de verificar sua produtividade na língua e, posteriormente, isolar a construção de elipse de VP a partir do emprego de exemplos que não sigam as restrições apontadas.

Começando com os objetos indiretos nulos, remetemos o leitor ao trabalho de Cyrino (1998), que trata especificamente dessas construções no PB. Embora as principais preocupações da autora nesse trabalho sejam identificar o licenciador da estrutura, que conclui ser o verbo em INFL, e comparar o OIN do PB com o do inglês, a autora dá algumas pistas do que seriam algumas de suas características.

⁵⁸ Interessante notar que no caso de locativos nulos, a suposta exigência de identidade verbal parece mais fraca.

A primeira delas é a de que o objeto indireto nulo do PB, ao contrário do ON, que é eminentemente inanimado para a autora, apresentaria a característica de ser [+animado] e [-específico], aparecendo assim em 41,5% das ocorrências⁵⁹. Nos casos de sentenças com dois argumentos nulos, ON e OIN, cujos exemplos estão em (147)-(151), esse número sobe para 78,9%. No entanto, ela não fala em elipse de VP nesses casos:

(147) ... dizem;

(148) ... agora, dias que não tem aula ele pergunta...

(149) ... lá vende assim, por um preço baratíssimo...

(150) ...e servem como se fosse uma sopa e o pato cozido ali dentro...

(151) ...eles querem sempre, por mais que a gente dê, eles querem sempre mais coisa, né?

(CYRINO, 1998, p.9)

Julgamos que a característica de animacidade do objeto indireto seja em função da própria natureza do argumento, que geralmente é marcado tematicamente como “beneficiário”, privilegiando seres animados. Mas não é impossível encontramos exemplos de sentenças com um dos objetos apagado, e um outro argumento ocorrendo de modo manifesto (para se evidenciar a construção de argumentos nulos), em que essas restrições de animacidade aparecem de forma contrária ao previsto, ou seja, a estrutura de ON com antecedente [+animado] (ver (152)) e a de OIN, embora seja um pouco mais difícil, com antecedente [-animado] (ver (153)):

(152) Era pra eu ter encontrado *a Maria* na escola, mas eu encontrei ___ no shopping.

(153) ?Perguntei *ao banco* sobre a minha dívida e ele perguntou ___ sobre o lucro dos investimentos.

Embora o verbo *perguntar*, nesse último exemplo, exija uma resposta e quem responde deve ser [+animado], subentendendo-se, grosso modo, que alguém do banco

⁵⁹ Infelizmente, esse artigo prioriza dados quantitativos do Projeto NURC, raramente mostrando os exemplos a que se relacionam.

respondeu, (153) seria uma sentença possível. Assim, ainda que esses traços sejam claramente caracterizadores dessas construções, eles não parecem suficientes para isolar a construção de argumentos nulos e, conseqüentemente, nem para atestarem a de elipse de VP.

Uma segunda predição de Cyrino sobre o OIN diz respeito ao seu tratamento sintático, que é o mesmo dado para o ON em trabalhos anteriores, ou seja, ele também resultaria do mesmo processo da elipse de VP, sendo fruto de reconstrução em LF e elipse em FF. Diante do fato de reconstrução também ser visto pela autora como explicação para a elipse de VP, não dá para saber se as sentenças (147-151), de elipse, são tratadas por ela como resultado de dois apagamentos independentes, duas reconstruções, ou por uma só reconstrução, a da elipse.

Essa semelhança do ON e OIN com a elipse, bem como a dificuldade em encontrar restrições para essas ocorrências, poderia nos levar a pensar que o que ocorre no PB em (154) seria semelhante ao que ocorre no japonês e no coreano, ou seja, uma estrutura com dois apagamentos independentes de argumentos:

(154) João ofereceu *um doce ao Pedro*, e a Maria também ofereceu ___.

Dessas duas construções, contudo, enfocaremos o ON, em virtude dos objetivos deste trabalho. Identificar minuciosamente as características do OIN e distingui-lo da construção de elipse de VP e do próprio ON ficará para um trabalho futuro.

Voltando à ambigüidade entre elipse de VP e ON, um outro fator que dificulta a distinção das construções é que mesmo nos exemplos típicos de ON em que não há ambigüidade (com outro argumento manifesto), traços típicos da elipse elencados por Doron (1990) e aplicados sem sucesso às construções de ON no Hebraico (cf. exemplos (110)-(112)⁶⁰, quais sejam, a ocorrência em ilhas sintáticas (relativas (155) e coordenadas (156)) e a ambigüidade de leituras estrita e imprecisa (cf. (157)), estão presentes no ON do PB:

⁶⁰ Nos exemplos do Hebraico a autora marcou a construção de ON pela distinção entre os verbos, o que pode ter prejudicado sua conclusão, pois o ON também pode ocorrer com verbos iguais e, nesse caso, as estruturas seriam ambíguas. Para o PB, estamos usando construções em que só o objeto direto é elidido, mantendo-se um outro argumento interno ao VP, para marcar a construção de ON.

(155) P: - Ele conheceu *o autor deste livro* ontem no lançamento?

R: - Não, mas a pessoa que emprestou⁶¹ pra ele conheceu ___ um dia antes.

(156) João comprou *o casaco* e deu ___ pra Maria.

(157) Maria trouxe *a mochila* para a escola e João trouxe ___ para o curso de inglês.

Nesse último exemplo, *a mochila* que João trouxe, argumento elidido na oração do ON, pode ser tanto a da Maria (leitura estrita) quando a do João (leitura imprecisa). Lembremos que estruturas do japonês e do coreano, línguas classificadas por Goldberg (2005) como possuindo apenas a estratégia de argumentos nulos, também haviam apresentado essa característica, desconstruída posteriormente pela autora por não se correlacionar com o padrão exibido pela elipse de VP do inglês e da estrutura de elipse de VP de verbos principais, o que ela consideraria fundamental para validar um tratamento dessas construções em termos de elipse de VP.

Ela encontrou nessas línguas, como vimos, exemplos que barrariam a leitura imprecisa, enquanto que, nos exemplos equivalentes em inglês, com elipse de VP de verbos auxiliares, ela estaria presente; exemplos em que havia leitura imprecisa, mas não nos equivalentes em inglês da elipse do inglês; exemplos em que não havia leitura imprecisa mesmo que a estrutura de elipse de VP fosse possível; e exemplos em que havia a leitura imprecisa, mas nos quais uma estrutura de elipse não seria possível.

Sem dedicar muito tempo a essa questão, o exemplo em (158) do PB dispõe a ambiguidade de leituras em uma construção de sujeito nulo, em que o sujeito está elidido e, portanto, uma construção que não se correlacionaria com a estrutura da elipse de VP:

(158) A Ana tá duvidando que ___ consiga chegar no horário e Pedro também tá___.
[~~duvidando que ele/ela consiga chegar no horário~~]. (PETERSEN, 2011, p.33)

⁶¹ Interessante que *emprestar*, aqui, também seleciona um argumento nulo, que não é o antecedente completo da oração anterior (*o autor deste livro*), mas apenas *livro*.

Assim, do mesmo modo que em japonês e coreano, essa característica, por si só, não serviria para motivar a construção de elipse de VP no PB, sendo necessário recorrermos a outras características, o que será feito mais à frente.

Cyrino (1997, 2006) também já havia classificado o ON do PB como elipse de DP/NP em virtude dessa ambiguidade de leituras e para diferenciá-lo da elipse de VP, prevendo, assim, que a elipse nominal também dispararia a ambiguidade de leituras. Do mesmo modo, Goldberg destacou, na análise para o japonês e o coreano, como vimos, que o ON daquela língua que disparasse a ambiguidade poderia ser tratado em termos de DP nulo.

Mais à frente, prosseguiremos com o objetivo de atestar as duas construções no PB. Por ora, enfocaremos a construção de ON, a fim de estabelecer suas principais características.

Testaremos se há restrições estruturais quanto à ocorrência de ON nos tipos de estrutura elencados por Goldberg (orações coordenadas, SVs coordenados, pergunta-resposta, sentenças adjacentes proferidas pelo mesmo falante), respectivamente (159), (160), (161), (162), e com os mais diversos tipos de DPs (definidos ((159)-(161)), massivos (162), contáveis ((159)-(161)), femininos ((160b), (161)), masculinos ((159a), (101a), (162)), singulares ((161), (162)), plural ((159)-(160)) e indefinidos (162a), ao mesmo tempo em que verificamos restrições de animacidade (exemplos em (b)):

(159) a. João levou os presentes para o quarto e Maria desembalhou __ na sala.

b. ??João acordou as meninas às 07h e Maria arrumou __ às 08h.

(160) a. João comprou os cadernos e deixou __ no quarto da Maria.

b. ??João beijou as filhas e colocou __ no carro.

(161) a. P: Onde está minha carteira?

R: Coloquei __ na gaveta.

b. P: Onde está a Maria?

R: Levei __ para casa.

- (162) a. Tem dinheiro aqui. Não tinha visto ___ ontem.
b. ??O Pedro não está aqui. A Maria deve ter levado ___ para a escola.

Diante desses exemplos e de vários outros de ON [+animado] que apareceram ao longo do trabalho (cf. (8), (23), (24), (25), (27), (47), (48) e (77b)), de vários autores, concluímos que a estratégia de ON no PB é bem produtiva e não apresenta uma restrição de animacidade tão forte e categórica como a do hebraico, embora seja, notadamente, um dos traços relevantes nessa construção. Assim, concluímos que apenas pela animacidade não se pode desfazer a ambiguidade entre o ON e a elipse de VP naqueles exemplos clássicos, sendo necessária a associação desse traço com outros traços relevantes para se proceder a tal distinção de modo mais efetivo.

5.2.3.3 Restrições para o ON do PB e identificação da elipse de VP

Em virtude dessa dificuldade de caracterizar o ON do PB apenas pelo traço [-animado], com a conseqüente impossibilidade de diferenciá-lo da elipse de VP com base apenas nesse traço, nossa hipótese é a de que há uma hierarquia de traços atuando no licenciamento do ON do PB, em que, além da animacidade e especificidade, como na hierarquia vista em CYRINO, DUARTE & KATO (2000), também o aspecto imperfeito⁶² e, possivelmente, ainda outros traços, atuariam. O exemplo abaixo mostra o contraste entre uma sentença no perfectivo (163a) e uma no imperfeito (163b):

- (163) a. Ah, eu usei a tua blusa hoje, tenho que lavar ela / *__.
(CASAGRANDE, 2010, p.2)
b. Quando eu usava suas blusas eu sempre lavava __.

Nesses exemplos, o aspecto imperfeito nos pareceu favorecer o ON. Além da grande quantidade de exemplos de ON no imperfeito que apareceram neste trabalho (cf.

⁶² Ao incluirmos o aspecto, uma categoria funcional, como um dos traços relevantes na manifestação do ON no PB, também minimizamos o problema de sugerir que seu licenciamento sintático ocorra com base apenas em traços semânticos. Em trabalhos futuros, pretendemos desenvolver essa questão da atuação das categorias funcionais no licenciamento do ON.

(1b), (2e), (3), (4a), (4c), (4e), (6a), (7), (8), (22), (23), (24), (26), (28), (30), (31), (32), (33), (34), (44), (47), (48), (57) e (64)), novamente de vários autores, também coletamos vários dados de ON que aparecem nessa forma:

(164) - A Bia roubou o buquê da Sofia e não queria **devolver** ___.

- Mas também, Maria, como é que você dá um buquê para uma menina e não **dá** ___ para a outra?

(165) Alguém quer mais bolo? Eu vou parar de **servir** ___, eu também não **quero** mais___.

(166) Foi muito bom fazer aquilo que eu amo e **entregar** ___ para aquele que me amou primeiro⁶³.

(167) P: - Você acha que eu **coloco** a lasanha mais tempo no fogo?

R: - Deixa eu **ver** ___, amiga. ... Acho que pode **colocar** ___. Pode deixar que eu **vou pôr** ___. É sempre melhor **sobrar** ___ do que **faltar** ___.

Nesse mesmo sentido, Casagrande (2009a,b), também insatisfeita com o tratamento do ON apenas em termos do traço de animacidade que ele manifestaria, buscou verificar se o aspecto verbal imperfectivo, juntamente com o traço [-específico], seriam relevantes em seu licenciamento. Os resultados da aplicação de testes a falantes adultos, somados com dados de aquisição que também revelaram essa correlação e com evidências translinguísticas do papel do aspecto no ON em russo e grego, corroboraram para sua impressão de que há uma forte relação entre ON e aspecto gramatical, no sentido de que o ON pareceria ser privilegiado quando o verbo está no imperfectivo:

(168) Tenho vendido muitos sushis porque os dekassegui querem continuar comendo__.⁶⁴

(CYRINO, 2006 *apud* CASAGRANDE, 2009, p.861)

⁶³ Exemplo da língua escrita, demonstrando que o ON está bem estabelecido no PB.

⁶⁴ Dado de Cyrino (2006). Nesse trabalho, a autora levantou a possibilidade de um núcleo aspectual estar licenciando tanto o ON como a elipse de VP no PB.

A autora começa seu artigo indicando que a regra geral de Cyrino (1994 e obras posteriores) de que antecedentes [-animados] seriam retomados pelo objeto nulo (ver (169)), enquanto antecedentes [+animados] seriam retomados pelo pronome lexical (ver (170)) funcionava bem até a constatação de que um antecedente [+animado] poderia gerar uma retomada nula quando fosse [-específico] (ver (171)), indicativo de que alguma coisa teria mudado no panorama do PB quanto aos antecedentes que permitiriam a retomada nula:

(169) **Meu travesseiro** estourou, preciso jogar __ fora.

(170) Encontrei **o João_i** no shopping e vi **ele_i** no cinema.

(171) Policiais corruptos insultam **presos** antes de prender __.

(CASAGRANDE, 2009, p.860)

Nos testes aplicados pela autora, enquanto sentenças com antecedente [-animado, +específico], como em (172a) e [+animado, -específico], (172b), permitiam tanto o ON quanto o pronome lexical, independentemente do aspecto, em sentenças com verbo no imperfectivo e antecedente [-específico], animados ou não, o ON foi empregado de forma categórica (ver (173)):

(172) a. **Meu travesseiro_i** estourou, preciso jogar ___i/ele_i fora.

b. Comprei **uns gatos_i** no *petshop* e coloquei ___i/eles_i na casinha do cachorro.

(CASAGRANDE, 2009, p.106)

(173) a. Na minha casa sempre tem **mamão_i** porque eu como ___i todos os dias.

b. *Na minha casa sempre tem **mamão_i** porque eu como **ele_i** todos os dias

c. *Eu não compro [**um gato preto_i**] porque meu namorado detesta **ele_i**

d. Eu não comprei [um gato preto]_i porque o meu namorado detestou ele_i

(CASAGRANDE, 09, p.107)

Somando-se a isso o fato levantado por Lopes (2007, 2009) de que há uma correlação entre aspecto e objeto nulo nos dados de produção espontânea de crianças

adquirindo o PB, Casagrande passa a considerar se o aspecto verbal imperfectivo, atuante no licenciamento do ON em russo e grego, não influenciaria também o ON do PB.

O trabalho de Lopes (2007, 2009) analisou a predominância do ON em geral e sua posterior queda em dados iniciais de aquisição, com aumento dos números de ONs anafóricos, o que a autora atribuiu ao fato de o nulo anafórico ser licenciado por aspecto⁶⁵ e o núcleo aspectual não ser especificado desde o início do processo de aquisição, tendo inicialmente um traço *default* [+perfectivo], que não licenciaria o nulo anafórico, passando a ser produtivo apenas quando os traços de Asp⁰ fossem definidos na gramática da criança.

Contudo, no trabalho de Casagrande, a correlação entre aspecto e ON foi categórica em apenas dois casos: quando se testaram os antecedentes [+animado, -específico] e os antecedentes [-animado, +específico]. Nos outros casos, de antecedentes [-animado, -específico] e [+animado, +específico], o pronome lexical foi possível independentemente da perfectividade. Ela concluiu que a correlação entre aspecto e ON existiria no PB, mas que seriam necessários mais estudos, inclusive de outras línguas, para se trazer mais luz a essa questão.

Em nossa proposta preliminar, assumimos que o traço de aspecto imperfectivo compõe a hierarquia de traços que caracteriza o ON no PB, pela sua relevância e recorrência nos dados, ocupando, contudo uma posição mais baixa que a animacidade.

Assumo que esses traços seguem uma hierarquia pelo fato de o traço de animacidade parecer ocupar uma posição mais alta, uma vez que, além de aparecer em todos os trabalhos recentes sobre o ON, ele parece ter, de fato, um papel mais decisivo. Assim, em (174), temos uma sentença em que, apesar do aspecto imperfectivo, a animacidade e a especificidade dificultariam a ocorrência do ON. Em contrapartida, em (175), temos um exemplo de ON inanimado, específico e com aspecto perfectivo perfeitamente possível.

(174) ??O João **respeitaria** a Maria se tivesse conhecido ___.

(175) João descascou a banana, mas Pedro não **comeu** ___. (CYRINO, 1997, p.146)

⁶⁵ Recordemos que Cyrino (2006), como foi mostrado no capítulo anterior, também atribuiu a Asp⁰ o licenciamento do ON.

Assim, não estamos afirmando, dada a construção em (175), que possui antecedente [+específico] e aspecto [+perfectivo], que os três traços apontados como relevantes – animacidade, especificidade e perfectividade – têm de ser negativos para que haja ON, embora seja a situação ideal para sua ocorrência. Estamos apenas indicando que os três traços, a princípio, atuariam em uma relação de hierarquia nas ocorrências de ON. Contudo, se os três traços forem positivos, por outro lado, o ON seria barrado:

(176) ??Ontem o João beijou *a Maria* na escola, e o Pedro beijou hoje ___ no shopping.

(177) *O Marcos cumprimentou a Joana, mas não chamou ___ para a festa.

(178) *A Bia chorou ontem assim que eu coloquei ___ no berço.

(179) *A Maria chamou o João e mandou ___ ir pra escola.

Sendo uma proposta preliminar, não chegamos a mapear exatamente a posição de todos esses traços na hierarquia, apenas indicamos que o de animacidade seria o mais relevante, estando em uma posição mais alta que os demais. Também cumpre ressaltar a natureza distinta dos traços que a compõem, um deles sendo típico do nome antecedente – a animacidade, outro, mais amplo, no âmbito da computação do DP – especificidade – e outro, mais amplo ainda, o de perfectividade, sendo referente a toda a estrutura. Talvez a relevância desses traços na hierarquia seja proporcional à proximidade de sua relação com o nome retomado. Isso poderá ser abordado em um trabalho futuro.

Aplicando essas conclusões à proposta de Goldberg (2005), a fim de isolarmos o ON da elipse de VP, e diante de construções de ON com antecedente animado, específico e aspecto perfectivo, com um outro argumento manifesto interno ao VP, para marcar a estratégia de ON, agramaticais, como vimos em (176-179), esperaríamos que, na construção de elipse de VP, que não possui restrições semânticas (CYRINO, 1997; GOLDBERG, 2005), essa configuração de traços poderia ocorrer, o que também parece se confirmar:

(180) O João beijou *a Maria na escola*, e o Pedro também beijou ___.

(181) A Maria encontrou *a Joana ontem no shopping*, e a Júlia também encontrou ___.

Isso nos conduz a uma possibilidade de análise daquelas sentenças ambíguas, com apenas um argumento interno ao VP e esse elemento estando apagado, como em (182):

(182) O João esbofeteou *a Maria* mas o Marcos não esbofeteou ___.

Como o objeto elidido *a Maria* é [+animado, +específico] e a construção apresenta aspecto [+perfectivo], defendemos que seja um caso de elipse de VP, já que o ON, que possui restrições semânticas, barraria a construção. Assim, as sentenças ambíguas poderiam ser classificadas como ON ou elipse de VP conforme a combinação de traços que apresentarem.

Diante do exposto e retornando aos passos de análise sugeridos por Goldberg (2005), além de o PB atender ao pré-requisito de alçamento do verbo a INFL e a despeito da estratégia bem estabelecida de argumentos nulos de que dispõe, no que se aproximaria do japonês e coreano, ainda precisamos atestar a elipse de VP no PB, e um argumento óbvio em seu favor seriam os dados em (183), em que todos os argumentos do VP estão elididos, incluindo o adjunto, que não pode ser apagado naquelas línguas:

- (183) a. A Maria não prepara *a janta para os filhos depois de tomar banho*, mas tem uma amiga que prepara ___ [~~a janta para os filhos depois de tomar banho~~].
b. O João fez *a prova atentamente*, mas a Joana não fez ___ [~~a prova atentamente~~].
c. O João não encontrou *a Vera depois do expediente*, mas o Pedro encontrou ___ [~~a Vera depois do expediente~~].

Assim, concordamos com Cyrino (1997) quanto ao fato de o PB licenciar a construção de elipse de VP, além da de ON, e isso coloca a língua em um patamar de permitir ON, OIN, elipse de VP de verbo principal encalhado e elipse de VP de verbo auxiliar encalhado.

Comparando-o com as outras línguas analisadas por Goldberg (2005), o PB reuniria características tanto da classe do hebraico, no sentido de atestar a elipse de VP e o ON, embora não com exatamente a mesma restrição de inanimacidade, quanto da classe do japonês e do coreano, na medida em que dispõe de uma estratégia bem estabelecida de

argumentos nulos, elidindo, inclusive, elementos não acusativos e disponibilizando a ambiguidade de leituras estrita e imprecisa nesses apagamentos, se diferenciando dessas últimas quanto ao apagamento de adjuntos.

Buscando uma tipologia de línguas, partindo para um último objetivo desta dissertação, o PB, ao apresentar as significativas diferenças apontadas acima em relação às duas classes de línguas descritas (a do hebraico e a do japonês e coreano), deveria pertencer a uma nova classe, que contemplasse línguas com estratégia de argumentos nulos bem definida e também com a estratégia de elipse de VP, tanto de verbos principais como de auxiliares⁶⁶. Tal ideia poderia ser desenvolvida a partir da identificação do PB com outras línguas, mediante a análise de dados translinguísticos quanto a essa questão.

A distinção entre elipse de VP e ON no PB ficaria por conta dos traços de animacidade, especificidade e aspecto que aparecem no ON, caracterizando a estrutura, mas não na elipse de VP, mas não temos a pretensão de encerrar a caracterização do ON com base apenas nesses traços. Isso porque os problemas do dado (184), uma estrutura de ON com antecedente inanimado, inespecífico e verbo no imperfectivo, que, portanto, deveria ser gramatical em nossa análise, dariam margem para a atuação de outros traços nesse licenciamento:

(184) ??Se eu trabalhasse operando máquinas, com certeza limparia __ no fim do expediente⁶⁷.

Assim, também são necessários mais estudos para elencar outros traços relevantes na estrutura de ON e a posição deles na hierarquia proposta, a fim de se chegar a uma definição mais categórica do ON e, conseqüentemente, a uma distinção mais concreta entre ON e elipse de VP.

⁶⁶ No trabalho de Goldberg, a autora não menciona se o hebraico e/ou o japonês e o coreano permitem a elipse de VP de verbos auxiliares.

⁶⁷ Durante a defesa desta dissertação, a banca julgou esse dado gramatical e chamou atenção para o fato dessa estrutura ser um pouco diferente dos demais exemplos colocados, estando no condicional, estrutura em que o modo é relevante.

5.3 Síntese do Capítulo

Pretendemos, neste capítulo de análise, diferenciar a elipse de VP do ON no PB, a partir da caracterização do ON por seus traços relevantes, e posicionar o PB entre as línguas analisadas quanto aos dois fenômenos. Para tanto, utilizamos o trabalho de Goldberg (2005), que faz a distinção das duas construções em várias línguas, e buscamos aplicar os passos propostos por ela para o PB. Concluímos que o PB se assemelha ao hebraico, no sentido de que apresenta as estratégias de elipse de VP e de ON bem estabelecidas, embora essa última não exatamente com as mesmas características do Hebraico quanto à animacidade, e também se assemelha ao japonês e ao coreano, ao apresentar a estratégia de argumentos nulos não só quanto ao objeto direto, mas também quanto ao indireto, e também ao manifestar a ambiguidade de leituras nesses apagamentos.

Sugerimos que o PB conta com outros traços, além da animacidade e especificidade, em sua caracterização, dispostos em uma hierarquia, uma vez que a animacidade parece estar numa posição mais alta que o aspecto imperfectivo, por exemplo, conforme demonstrado, e apontamos que são necessários mais estudos tanto para a definição desses traços, o que auxiliaria tanto no estabelecimento de uma distinção mais categórica entre o ON e a elipse de VP nessa língua, quanto na identificação de qual seria o lugar do PB dentro de um *continuum* de línguas quanto a esses dois fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou confrontar duas questões recorrentes na literatura sobre o ON no PB: a preponderância do traço [-animado] como seu principal caracterizador e as dificuldades colocadas quanto à distinção entre o ON e a construção de elipse de VP na língua, buscando trazer alguma contribuição para o desenvolvimento de cada uma. A relevância do estudo do ON foi marcada pela produtividade do fenômeno no PB, que também o distingue das demais línguas românicas.

Em relação à questão da animacidade como caracterizadora do ON, confirmamos que, de fato, este traço tem um papel bem relevante, senão o mais relevante, na construção, mas ponderamos que ele não atua sozinho. Também julgamos que a análise que combina a animacidade com a especificidade, que aparece posteriormente na literatura (cf. CYRINO, 1994, 2000, 2006), não dá conta de resolver a questão, uma vez que dados gramaticais de ONs [+animados, +específico] foram apresentados na língua.

Propusemos, então, uma hierarquia de traços diferente da Hierarquia da Referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), que conta apenas com os traços semânticos de animacidade e especificidade, ao sugerir a presença de outros traços, como o aspecto imperfectivo, como relevantes, dada a quantidade de exemplos de ON em sentenças imperfectivas, inserindo, portanto, núcleos funcionais no rol dos caracterizadores do ON, chamando a atenção para o fato de que, na teoria, são eles que licenciam as categorias vazias. Embora não tenhamos nos aprofundado em quais sejam as categorias funcionais relevantes para o ON, nos comprometemos a retomar o assunto em trabalhos futuros.

Esperamos que a busca de uma definição clara do papel desses traços, bem como o levantamento de outros traços relevantes, com o que já nos comprometemos, dê margem a trabalhos futuros que contribuam para o processo da caracterização do ON do PB, o que, por sua vez, serviria tanto à distinção em relação à elipse de VP quanto ao estabelecimento da definição do lugar do PB em um *continuum* de línguas quanto aos dois fenômenos, com a agregação de dados translinguísticos. Com esse movimento, partindo do conhecimento

das propriedades da nossa língua, seria possível entendermos mais sobre o mecanismo universal das línguas em relação a essas duas construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, V. & FIGUEIREDO, M.C. *On some properties of agreement-object in Italian and Brazilian Portuguese*. In: Mazzola, M. (ed.) *Issues and theory in Romance linguistics* Washington, DC, Georgetown University Press, 1994.

CASAGRANDE, S. *O objeto nulo em PB: sintaxe e aquisição*. ANAIS DO SETA, Número 3, 2009.

_____. *A correlação entre aspecto e objeto no PB: uma análise sintático-aquisicionista*. Tese de doutorado. Unicamp-SP, 2009b.

CHOMSKY, N. *Conditions on Transformations*. In: Anderson, S.R. e P. Kiparsky (eds.), *A Festschrift for Morris Halle*, Holt, Reinhart and Winston, Inc., New York, 1973.

_____. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado (ed.), 1975.

_____. *Estruturas Sintáticas*, Lisboa, Edições 70, Coleção Signos, 1980.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications, 1981.

_____. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

_____. *Minimalist Inquiries: the Framework*. MIT, manuscript, 1998.

_____. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: UNESP, 2005.

CORRÊA, V. R. *O Objeto Direto Nulo no Português do Brasil*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1992.

CREUS, S.; MENUZZI, S. M. *Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro*. Revista da ABRALIN, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004.

CUMMINS S. & ROBERGE, Y. *Null objects in French and English*. In: Auger, J., Clements, J.C., Vance, B. (Eds.), *Contemporary Approaches to Romance Linguistics*:

Selected papers from the 33rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL). John Benjamins, Amsterdam, pp. 121–138, 2004.

CYRINO, S. M. L. *Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos*. Em: I. Roberts & M. A. Kato (org.) Português Brasileiro - uma viagem diacrônica, Campinas: Editora da UNICAMP.

_____. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. UEL, 1997. Disponível para acesso em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/Publications.htm>

_____. *O objeto indireto nulo no português brasileiro*. Signum – estudos da linguagem 1: 35-54, 1998. Disponível para acesso em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/Cyrino%20-%20signum98.pdf>

_____. *O objeto nulo no português brasileiro*. In: Eberhard Gärtner, Christine Hundte Axel Schönberger (orgs) Estudos de gramática portuguesa vol III Frankfurt am Main, TFM, p. 61-73, 2000.

_____. *Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo*. In: M.H. MOURA NEVES (org.) *Gramática do Português Falado*, vol. VII, Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, p.595-625, 2000b.

_____ & DUARTE, M.E.L. & KATO, M. *Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese*. In: KATO, M. A. e Esmeralda Vailati Negrão (orgs) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, Frankfurt & Madrid, Vervuert-Iberoamericana, p. 55-73, 2000.

_____; & REICH, U. *Uma visão integrada do objeto nulo no português brasileiro*. In: Romanistisches Jahrbuch 52: 360-361, 2002. Disponível para acesso em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/Cyrino&Reich.pdf>

_____; & MATOS, M.G. *VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis*. Journal of Portuguese Linguistics 1(2): 177-196, 2002. Disponível para acesso em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/Cyrino%20&%20Matos%20VPel%20in%20JPL%20com%20citacao.pdf>

_____. *Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência de clíticos*. Letras de Hoje 38(1): 31-47, 2003.

_____. *Algumas questões sobre a elipse de VP e objeto nulo em PB e PE*. In: GUEDES, M; Berlinck, R. de A.; Murakawa, C. de A.A. (orgs.) *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP,SP, Cultura Acadêmica, p. 53-79, 2006. Disponível para acesso em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/araquararaTXT.pdf>

DORON, E. *V-Movement and VP-Ellipsis*, ms., Department of English, The Hebrew University of Jerusalem, 1990.

_____. *V-Movement and VP Ellipsis*. In *Fragments: Studies in ellipsis and gapping*, eds. Shalom Lappin and Elabbas Benmamoun, Oxford University Press, New York, 124-140, 1999.

DUARTE, M. E. L. *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*, dissertação de mestrado, PUC-SP, 1986.

_____. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Em: *Fotografias Sociolingüísticas*, F. Tarallo (Org.), 1989.

FARRELL, P. *Empty Objects in Brazilian Portuguese*, ms., UCSD, EUA, 1987.

_____. *Null Objects in Brazilian Portuguese*, *The Linguistic Review* 8: 325-346, 1990.

FIENGO, R. & R. MAY. *Indices and Identity*, Cambridge, MIT Press, 1994.

GALVES, C. *O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de uma Pesquisa*, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17: 65-90, 1989.

GOLDBERG, L. *Verb-Stranding VP Ellipsis: A Cross-Linguistic Study*. Ph.D. dissertation, McGill University, 2005. Disponível para acesso em: <http://www.lotusgoldberg.net/dissertation/Goldberg-PHD-1st-half.pdf>

HOJI, H. *Null Object and Sloppy Identity in Japanese*, ms. Draft v. 3.1, University of Southern California, 1995.

_____. *Null Object and Sloppy Identity in Japanese*. *Linguistic Inquiry* 29.1: 127-152, 1998.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. *Understanding minimalism*. New York: Cambridge University Press, 2005.

HUANG, C. T. J. *On the Distribution and Reference of the Empty Categories*. *Linguistic Inquiry* 15: 531-574, 1984.

_____. *Remarks on the Status of the Null Object*. In: R. Freidin (org.) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*, Cambridge, MIT Press, 1991.

KATO, M.A. *The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese*. In W. Ashby, M.M.G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*, Amsterdam, John Benjamins, 1991.

_____. *Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica*. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

KIM, S. *Sloppy/Strict Identity, Empty Objects, and NP Ellipsis*, *Journal of East Asian Linguistics* 8: 255-284, 1999.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português*. Belo horizonte: Vigília, 1986.

_____. *Comentários a Cyrino 2000*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, V. 38, Nº 1, p. 49-69, 2003.

LOBECK, A. *Ellipsis: Functional Heads, Licensing, and Identification*. Oxford University Press, New York, 1995.

LOPES, R. E. V. *Traços semânticos na aquisição da linguagem*. *Letras de Hoje*, n. 41, p. 161-178, 2006.

_____. *Katar, Kata, Katou: a aquisição do objeto nulo e sua relação com aspecto*. In: CASTILHO, A. et. al. (orgs). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 673 – 686, 2007.

_____. *Aspect and the acquisition of null objects in Brazilian Portuguese*. In.: PIRES, A; ROTHMAN, J. (ed) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition*. Berlin/NY: Mouton de Gruyter, 2009.

MATOS, M. G. A. P. *Construções de Elipse de Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento*, tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Portugal, 1992.

OKU, S. *LF Copy Analysis of Japanese Null Argument*. *Proceedings of CLS 34: Part 1, The Main Session*, eds. M. Catherine Gruber, Derrick Higgins, Kenneth S. Olson, and Tamra Wysocki, Chicago Linguistic Society, Chicago, IL, 299-314, 1998.

OMENA, N. P. *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: suas Formas Variantes em Função Acusativa*, dissertação de mestrado, PUC-RJ, 1978.

OTANI, K. & WHITMAN, J. *V-Raising and VP-Ellipsis*, *Linguistic Inquiry* 22(2): 345-358, 1991.

PARK, Myung-Kwan. *The Syntax of VP Ellipsis in Korean*. *Language Research* 33.4: 629-648, 1997.

PETERSEN, M.C. *O Licenciamento do sujeito nulo em orações subjuntivas do português brasileiro: contribuições para a Teoria de Controle por Movimento*, dissertação de mestrado, USP-SP, 2011. Disponível para acesso em: www.teses.usp.br/teses/.../8/.../2011_MariaCarolinaPetersen.pdf

RAPOSO, E. *On the Null Object in European Portuguese*. Studies in Romance Linguistics. In: JAEGLI, O. e Carmen Silva-Corvalán (eds). Dordrecht: Foris Publications, 1986.

RIZZI, L. *Null Objects and the Theory of pro*. Linguistic Inquiry 17: 501-558, 1986.

ROBERGE, Y. *Transitivity Requirement Effects and the EPP*. WECOL 2002, Vancouver, November, 2002.

ROSS, J. R. *Constraints on Variables in Syntax*, tese de doutorado, MIT, 1967.

_____; *Pronoun deleting processes in German*, palestra apresentada no encontro anual da Linguistic Society of America, San Diego, California, 1982.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, tese de doutorado, University of Pennsylvania, EUA, 1983.

_____; DUARTE, M. E. L. *Processos de Mudança Lingüística em processo: A saliência vs. não saliência de variantes*. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 20, v.2, p.44-58, 1988.

TOMIOKA, S. *The Laziest Pronouns*, *Japanese/Korean Linguistics* 7, eds. Noriko Akatsuka, Hajime Hoji, Shoichi Iwasaki, Sung-Ock Sohn, and Susan Strauss, CSLI Publications, Stanford, CA, 515-531, 1998.

WHEELER, D. *Object Deletion in Portuguese*. LSRL, IX, 1981.